37.º FESTIVAL de almada

Organização
Câmara Municipal de Almada
Companhia de Teatro de Almada

03-26 de JULHO 2020

Imagem: **Pedro Proença**

04 **37.º Festival de Almada: a resiliência inspiradora do teatro**
Por Inês de Medeiros

05 **Aqui e agora**
Por Rodrigo Francisco

07 **Rui Mendes**
Homenagem 2020

ESPECTÁCULOS

11 **Bruscamente no Verão passado**
13 **Mártir**
15 **A grande emissão do mundo português**
17 **O Mundo é redondo**
19 **Turma de 95**
21 **By Heart**
23 **Castro**
25 **Uma solidão demasiado ruidosa**
27 **Viagem de Inverno**
29 **Johan Padan a la descoverta de le Americhe**
31 **As artimanhas de Scapin**
33 **Instruções para abolir o Natal**

34 ***PLANILHA***

37 **Future Lovers**
39 **Rebota rebota y en tu cara explota**
41 **A criada Zerlina**
43 **Turismo**
45 **O criado**

ACTOS COMPLEMENTARES

49 Exposição de Homenagem a Rui Mendes
O actor que queria ser sinaleiro

51 Exposição de artes plásticas
O sonho de J. de José Manuel Castanheira

53 **Colóquios na Esplanada**

55 Lançamento do livro da colecção *O sentido dos Mestres*
O que pode ser visto/ What can be seen de Hajo Schüler

57 *Workshop* O sentido dos Mestres
Com Madalena Victorino

INFORMAÇÕES

60 **Horários, contactos e acessos**
62 **Assinaturas e bilhetes avulsos**
63 **Equipa do 37.º Festival de Almada**

37.º Festival de Almada: a resiliência inspiradora do teatro

Louis Jouvet, ator, encenador e grande professor de teatro, tinha esta frase tão simples para caracterizar esta antiga e resiliente arte do efémero: "Condenados a explicar o mistério das suas vidas, os homens inventaram o teatro". Pois o teatro é isso mesmo, é mistério e é vida. Mas é também necessidade. Nesse sentido, a 37.ª edição do Festival de Almada tem, este ano, uma importância redobrada. Numa altura em que vivemos tempos marcados por uma pandemia que nos assola em diferentes perspetivas e realidades, deixemos o teatro, com o seu papel transformador, ser o nosso escape, para ganharmos forças para uma batalha que se prevê longa.

Será certamente uma edição com contornos diferentes. Cumprindo as regras e recomendações para garantir a segurança de todos, mantem-se inalterada a vontade inicial de apoiar e divulgar a nossa cultura, os nossos artistas, promover o diálogo, a reflexão, honrar os sentimentos. Através de uma programação na sua grande maioria nacional, com os 17 espetáculos que integram esta edição queremos devolver aos artistas o palco e o público que merecem, e queremos lutar, ao seu lado, para não serem invariavelmente os prejudicados sistémicos de qualquer crise.

Ao longo dos anos, o Festival de Almada habituou-nos a navegar entre nomes consagrados e novos talentos, nacionais e internacionais, através de uma programação ímpar no panorama cultural português. Este ano, à criatividade, ao compromisso individual e coletivo, e ainda à paixão que caracterizam este evento maior do teatro do nosso país junta-se o valor da resiliência que permitirá que, de 3 a 26 de julho, possamos, em conjunto, enfrentar os dias difíceis que vivemos. Este Festival é de Almada, do País e do Mundo. Nestes dias mais sombrios, será certamente uma luz regeneradora que nos devolverá a todos mais esperança no futuro.

E não resisto, para terminar, a citar um outro nome imenso do teatro e da filosofia, que me ajuda sempre nos momentos de incerteza: o escritor Albert Camus. "O pouco de moral que sei, aprendi nos campos de futebol e nos palcos dos teatros, que foram as minhas verdadeiras universidades."

Em tempos de tantos falsos pregadores, voltemos à verdade do palco.

Inês de Medeiros
Presidente da Câmara Municipal de Almada

Aqui e agora

Talvez no futuro esta edição do Festival de Almada seja recordada como histórica, pelo mero facto de ter chegado a realizar-se. As condições em que trabalhámos nos últimos meses são conhecidas de todos, e as regras de segurança sanitária levaram-nos a ter de abdicar daquilo que porventura mais nos caracteriza: não existirá o Palco Grande, nem espectáculos ao ar livre, nem haverá "festa estival". Mas haverá Festival. Porque em Portugal foi anunciado que o teatro poderia retomar a actividade, com restrições, a partir do início de Junho. E porque, ao contrário de outros países, que viram os seus festivais de teatro de Verão anulados, pudemos prosseguir na preparação desta edição, mesmo num clima de incerteza.

Mas também porque as companhias portuguesas aceitaram as especificidades desta edição (um calendário alargado; o dobro do número de sessões, por vezes duas por dia, para que mais público pudesse ver o seu trabalho). Algumas dessas companhias estrearão no Festival de Almada os espectáculos que não puderam apresentar até agora devido à pandemia. E ainda porque o público quis que o Festival acontecesse. Durante o mês de Abril telefonámos aos nossos espectadores. E apesar das dúvidas que subsistiam, mais de metade respondeu inequivocamente que sim: que se fosse possível realizar o Festival cá estariam. Pensámos nessas pessoas durante o período de dois meses e meio passado com o teatro fechado, mas sem nunca pararmos o trabalho.

Eric Hobsbawn defendia que o século XX só se iniciou verdadeiramente em 1914, com a Grande Guerra. Para este historiador inglês, na contagem dos séculos importam mais os acontecimentos do que as datas. Poderíamos assim perguntar-nos se o século XXI não terá começado só este ano.

Vivemos no tempo das perguntas. Houve quem se interrogasse sobre o que seria do teatro. E até quem vaticinasse que esta nossa arte estaria condenada se não encontrasse novas formas. Mas o teatro tem-se sempre reinventado, mesmo quando a Humanidade enfrentou circunstâncias muito mais funestas do que a que vivemos agora. Num anfiteatro mediterrânico, no tapete de uma praça africana, numa corte escandinava, nos cenários de papel orientais, nas salas aveludadas da Europa central, nas caves dos *pubs* britânicos, nos palcos das periferias das capitais – o teatro nunca abdicou nem abdicará da relação directa com o público. E não abdicará também de ser uma arte viva, ao vivo, feita por quem não cessa de espantar-se com o Mundo, e apreciada por quem tem prazer em pensar.

Este ano, uma vez mais, o Festival acontece porque o público assim o quis.

Rodrigo Francisco
Director Artístico do Festival de Almada

© RUI CARLOS MATEUS

RUI MENDES

Nascido a 19 de Julho de 1937, é neto do actor Henrique de Albuquerque (1880-1942), que trabalhou na Companhia Amélia Rey Colaço – Robles Monteiro. Estreou-se em 1956 no Teatro da Trindade – integrado no Teatro do Gerifalto, onde foi actor, cenógrafo e figurinista – com a peça *A ilha do tesouro*, a partir de R. L. Stevenson, encenada por António Manuel Couto Viana. Da sua longa e profícua carreira como actor constam muito para lá de uma centena de espectáculos de teatro, integrado em elencos do Teatro Monumental, Teatro ABC, Teatro Nacional Popular (de Francisco Ribeiro), Teatro Nacional D. Maria II, Teatro da Malaposta e Novo Grupo. Em 1961, abandonou o curso de Arquitectura que iniciara havia quatro anos, e participou no filme *D. Roberto*, de José Ernesto de Sousa. Em 1965, integrou o elenco de *O render dos heróis*, de José Cardoso Pires, para o Teatro Moderno de Lisboa, em cuja génese participara. Juntamente com João Lourenço, Morais e Castro e Irene Cruz, fundou em 1966 o Grupo 4 – Sociedade de Actores – ambos gestos seminais do que viria a ser o teatro independente em Portugal.

Marcou também presença em *Pides na grelha,* o primeiro espectáculo do Adóque – cooperativa de teatro de intervenção, herdeira do teatro de revista, fundada no pós-25 de Abril. Ultrapassadas sérias dificuldades, em 1976 o Grupo 4 inaugurou em Lisboa, na Praça de Espanha, o primeiro Teatro Aberto – cujo projecto de arquitectura elaborou, baseado num estudo do arquitecto e dramaturgo Augusto Sobral. A primeira peça em cartaz foi *O círculo de giz caucasiano*, de Bertolt Brecht. Estreou-se como encenador em *Como o senhor Mokimpóte se libertou dos seus tormentos*, de Peter Weiss, em 1975, vindo posteriormente a dirigir *Três irmãs*, de Tchecov – para o Teatro da Cornucópia, em 1988, na tradução que assinou com Augusto Sobral; *Sonho de uma noite de Verão*, de Shakespeare, em 1991, e *Tio Vânia*, de Tchecov, em 1998 – ambas para o Teatro da Malaposta; ou ainda *A louca de Chaillot*, de Giraudoux, em 1995, e *Menina Júlia*, de Strinberg, em 2009 – ambas para o Teatro Nacional D. Maria II. No cinema, deixou o seu cunho em filmes como *Francisca* (1981, de Manoel de Oliveira) ou *Os abismos da meia-noite* (1984, de António de Macedo). Televisivamente, protagonizou em séries como *Duarte e companhia* (1985-89), e em telenovelas de sucesso como *Chuva na areia* (1984). Autor de textos para teatro, assinou *O caso da mãozinha misteriosa*, juntamente com José Carlos Ary dos Santos e Augusto Sobral (em 1978, para o Grupo 4) ou ainda *O dia das mentiras*, a partir de *Falar verdade a mentir*, de Almeida Garrett (em 2008, para o Teatro da Trindade). Recusou receber o Prémio para Melhor Actor de Teatro Musicado de 1971, atribuído pela SEIT (Secretaria de Estado de Informação e Turismo), ex-SNI, organismo público cuja função principal consistia em reprimir as actividades culturais passíveis de ameaçar o Regime. Entre as várias funções de relevo que assumiu fora dos palcos ou dos *plateaux*, destacam-se a de professor de interpretação na Escola Superior de Teatro e Cinema (docência e pedagogia a que se dedicou durante vinte anos) e a de presidente da Assembleia Geral do Sindicato dos Trabalhadores do Espectáculo.

Esta homenagem reconhece o seu inestimável contributo para o desenvolvimento de uma nova forma de estar no teatro, no cinema e na televisão. Uma participação desde sempre marcada por uma forte motivação cívica, o que faz de Rui Mendes um dos mais significativos servidores públicos das artes de palco em Portugal.

espectáculos

© RICARDO RODRIGUES

TEC – TEATRO EXPERIMENTAL DE CASCAIS
(Cascais, Portugal)

ESTREIA

Bruscamente no Verão passado

De **Tennessee Williams**
Encenação de **Carlos Avilez**

VERSÃO E DRAMATURGIA
Graça P. Corrêa

CENOGRAFIA E FIGURINOS
Fernando Alvarez

DESENHO DE LUZ
Rui Monteiro

DESENHO DE SOM *SURROUND*
Hugo Neves Reis

ASS. DE ENCENAÇÃO E DIRECÇÃO DE CENA
Rodrigo Aleixo

INTERPRETAÇÃO
Bárbara Branco
Bernardo Souto
João Gaspar
Lídia Muñoz
Luísa Salgueiro
Manuela Couto
Teresa Côrte-Real

Duração
1h40m

Classificação
M/12

Considerado o texto cénico mais chocante de **Tennessee Williams** (1911-1983), é frequentemente o alvo favorito dos detractores da sua dramaturgia. Na época em que estreou, no ano de 1958, a peça foi apreciada pela sua estrutura dramática aparentemente simples, mas ao mesmo tempo detestada pelo seu conteúdo "perturbador" e fortemente incómodo para a sociedade, em razão do que Williams escolhe pôr em cena para descrever a atmosfera de repressão sexual, de infinita hipocrisia e de multiformes relações de poder e manipulação: a homossexualidade, a violação, a loucura e até o canibalismo. Poucos, nessa altura, souberam reconhecer que se trata de uma obra-prima dramatúrgica, de composição formalmente rigorosa e temáticas tratadas com inéditas verdade e profundidade. Envolta em mistério, leva-nos pela mão do Dr. Cukrowicz a entrar na estranha casa de Violet Venable, para descobrir lentamente o que aconteceu com o seu filho Sebastian, falecido subitamente no Verão passado em circunstâncias atrozes e inexplicáveis.

Carlos Avilez estreou-se em 1956, na Companhia Amélia Rey-Colaço–Robles Monteiro. Em 1965 fundou o TEC – Teatro Experimental de Cascais. Trabalhou com Peter Brook e Jerzi Grotowski. Dirigiu os dois teatros nacionais de Portugal. Fundou a Escola Profissional de Teatro de Cascais, que dirige. Na edição passada, o Festival de Almada homenageou-o.

Carlos Avilez, who was given homage on the last edition of Festival de Almada, directs one of the most enigmatic plays by Tennessee Williams: ***Suddenly, Last Summer***. This premiere is produced by one of the most long established Portuguese independent theater companies: Teatro Experimental de Cascais, founded in 1965. *The New York Times* considered this play one of the "most fertile gothic novels written by Williams": the text was first produced in 1958 and caused immediate scandal for its references to homosexuality, rape and cannibalism.

ALMADA
Teatro Municipal Joaquim Benite
Sala Principal

SEX 03	SÁB 04	DOM 05
21:00	21:00	16:00

© RUI CARLOS MATEUS

COMPANHIA DE TEATRO DE ALMADA (Almada, Portugal)

Mártir

De **Marius von Mayenburg**
Encenação de **Rodrigo Francisco**

TRADUÇÃO
Manuela Nunes

CENOGRAFIA
José Manuel Castanheira

FIGURINOS
Ana Paula Rocha

DESENHO DE LUZ
Guilherme Frazão

INTERPRETAÇÃO
Ana Cris
André Albuquerque
Inês de Castro
Ivo Marçal
João Cabral
Pedro Walter
Tânia Guerreiro
Vicente Wallenstein

PRODUÇÃO
Paulo Mendes

Duração
1h40m

Classificação
M/12

Se «a puberdade é uma doença mental passageira», tal como afirma uma das personagens desta peça, já a miséria moral, a ignorância e o pseudo-conforto existencial são bastante mais duradouros, com consequências por vezes trágicas. *Mártir* é sobre esse mal-estar que até agora apenas parecia gerar fundamentalistas noutras culturas. A actriz Ana Cris venceu com o seu trabalho em *Mártir* o Prémio da Sociedade Portuguesa de Autores para a Melhor Actriz de 2018.

Marius von Mayenburg, dramaturgo, tradutor (designadamente de Shakespeare, Ibsen ou Sarah Kane), dramaturgista e ainda encenador (também dos seus próprios textos – *Mártir*, escrito em 2012, foi encenado por si em 2013), integra a lista de talentos da companhia berlinense Schaubühne, colaborando desde o final dos anos de 1990 com o seu director artístico, Thomas Ostermeier. **Rodrigo Francisco**, actual director artístico da Companhia de Teatro de Almada e do Festival de Almada, fez a sua formação teatral com Joaquim Benite, de quem foi assistente de encenação. O seu trabalho como encenador iniciou-se em 2011, tendo assinado várias criações, entre as quais figuram textos de David Mamet, Ödön von Horváth ou ainda Gotthold Ephraim Lessing.

Martyr, by German author Marius von Mayenburg deals with the formation of a Catholic fundamentalist behavior on a teenager who refuses to attend his swimming classes because his female colleagues wear bikinis. Benjamin (which is the name of this modern prophet) ends up establishing a moralistic duel (always citing the *Bible*) with his chemistry teacher – played by Ana Cris, who won the Best Actress 2018 Prize for this role.

SEX 03 21:30	**SÁB 04** 16:00	**DOM 05** 19:00
QUI 16 21:30	**SEX 17** 21:30	**SÁB 18** 16:00
DOM 19 19:00	**QUA 22** 21:30	**QUI 23** 21:30
SEX 24 21:30	**SÁB 25** 16:00	**DOM 26** 19:00

ALMADA
Teatro Municipal Joaquim Benite
Sala Experimental

© CARLOS GOMES

TEATRÃO (Coimbra, Portugal)

A grande emissão do mundo português

Dramaturgia de **Jorge Palinhos**
Encenação de **Isabel Craveiro** em co-criação com os actores

CENOGRAFIA E FIGURINOS
Filipa Malva

DESENHO E OPERAÇÃO DE LUZ
Jonathan Azevedo

DIRECÇÃO MUSICAL
Luís Figueiredo

PREPARAÇÃO VOCAL
Cristina Faria

***DESIGN* DE SOM**
Daniel Bernardo

OPERAÇÃO DE SOM
Nuno Pompeu

INTERPRETAÇÃO
Ana Bárbara Queirós
Celso Pedro
Isabel Craveiro
João Santos
Margarida Sousa

DIRECÇÃO DE PRODUÇÃO
Cátia Oliveira

Duração
1h30m

Classificação
M/12

Estado Novo: 1933-1974, regime político e económico autoritário e corporativista, cuja propaganda assegurou longa vida – designadamente através da instrumentalização dos *media,* como sucedeu com a então rádio pública, a Emissora Nacional, encarregue de difundir e celebrar um retrato do País que colaborasse de forma determinante para manter o poder nas mãos de Salazar.

Num estúdio da Emissora Nacional, cinco trabalhadores levam a cabo um programa que dura 21 anos. O seu início, em 1940 (ano em que o regime inaugura em Belém, à beira do Tejo, a grande Exposição do Mundo Português – sumptuosa feira de vaidades "para português ver", que celebrou um país mirífico e totalmente delirante), é marcado pela mudança na direcção da Emissora, com a entrada de António Ferro, o grande obreiro da chamada "política do espírito", desígnio político oficial que enformou uma auto-representação de Portugal que ainda persiste. O programa de rádio passa então a ser co-produzido com a Frente Nacional para a Alegria no Trabalho, procurando «educar [o povo] sem aborrecer a nação».

Assina a dramaturgia **Jorge Palinhos**, dramaturgista e professor de teatro, especialista em dramaturgia contemporânea. A encenação, realizada em criação colectiva com os actores, é de **Isabel Craveiro**, encenadora, pedagoga e directora artística do Teatrão.

The Great Broadcast of the Portuguese World shows the way the "Estado Novo" regime controlled the media in order to «educate the nation, without boring it». The result is the portrait of a country that never existed, in which the regime's propaganda is depicted as a way to guarantee that order, prosperity and morality ruled, under the command of António de Oliveira Salazar and his 48 years' dictatorship (1926-1974).

ALMADA
Incrível Almadense
Salão de Festas

SEX 3	SÁB 4	DOM 5
21:30	15:00 e 19:00	15:00 e 19:00

© MARIA ANTUNES

AR DE FILMES/TEATRO DO BAIRRO (Lisboa, Portugal)

O Mundo é redondo

De **Gertrude Stein**
Encenação de **António Pires**

TRADUÇÃO
Luísa Costa Gomes

CENOGRAFIA
João Mendes Ribeiro

FIGURINOS
Luís Mesquita

MÚSICA ORIGINAL
Miguel Sá Pessoa

DESENHO DE LUZ
Rui Seabra

DIRECÇÃO MUSICAL
Paulo Abelho

INTERPRETAÇÃO
Carolina Campanela
Carolina Serrão
Sandra Santos
Vera Moura

PRODUÇÃO
Alexandre Oliveira
Ana Bordalo
Ivan Coletti

Duração
1h30m

Classificação
M/12

Publicado em 1939, *O Mundo é redondo* foi recebido com críticas por causa da pontuação que não estava lá, da presença esmagadora da repetição e do nexo narrativo nem sempre evidente, por alegado excesso de malabarismo com a linguagem. A todos os seus detractores, Gertrude Stein aconselhou: «Não se importem com as vírgulas que não estão lá, leiam as palavras. Não se importem com o sentido que lá está, leiam as palavras mais depressa. Se tiverem alguma dificuldade, leiam mais e mais depressa até não terem.»

Distinguido em 2019 com o Prémio da Sociedade de Autores para Melhor Espectáculo, celebra o prazer da redescoberta do espanto e o ritmo encantatório do presente contínuo da infância. Espectáculo bilingue, para que não se perdesse o brilho poético, musical e rítmico do texto de Stein, constitui uma experiência fortemente sensível: emotiva, mas também estética e formal. Muito bela, portanto.

A norte-americana **Gertrude Stein** (1874-1946) deixou-nos uma obra de enorme singularidade, tendo levado para a escrita os processos experimentalistas do Modernismo nas artes plásticas. *O Mundo é redondo* foi escrito em França, no campo, na proximidade de uma menina de nove anos chamada Rosa, reinscrevendo, agora para sempre, o estribilho inicialmente usado num seu poema de 1913: «uma rosa é uma rosa é uma rosa». **António Pires**, director artístico e programador do Teatro do Bairro, tem assinado muitos espectáculos a partir de grandes textos. O seu teatro vibrante é marcado pelo trabalho de composição.

"Rose is a rose is a rose..." is certainly one of the most known mottos of American literature. In ***The World is Round***, by Gertrude Stein, the innocent Rose discovers and plays with the borders between language, poetry and reality. But this text, which was adapted by Portuguese playwright Luísa Costa Gomes, is much more than a child's story: after having directed *Four Saints in Three Acts*, also by Stein, António Pires and his Teatro do Bairro invite us to continue discovering the intriguing universe of one of the most important authors of modern literature.

ALMADA
Fórum Municipal Romeu Correia
Auditório Fernando Lopes-Graça

SEX 10	SÁB 04	SÁB 11	DOM 05	DOM 12
21:30	18:00	18:00	21:30	21:30

© BRUNO SIMÃO

BARBA AZUL (Lisboa, Portugal)
Co-produção: Teatro do Bairro Alto, Espaço do Tempo, Centro de Artes de Ovar e Teatro das Figuras

Turma de 95

De **Raquel Castro**
Encenação de **Raquel Castro**

APOIO À DRAMATURGIA
Alexander Kelly

DESENHO DE LUZ
Daniel Worm

INTERPRETAÇÃO
Raquel Castro

PRODUÇÃO
Vítor Alves Brotas – Agência 25

APOIO TÉCNICO
João Gambino

DIRECÇÃO TÉCNICA EM DIGRESSÃO
Tiago Coelho

Duração
1h10m

Classificação
M/12

«Esta fotografia foi tirada no átrio do Colégio Salesiano de Lisboa em 1995, o ano em que saiu o álbum *Mellon Collie and the Infinite Sadness*, dos Smashing Pumpkins, aquela que viria a ser a banda preferida do Miguel N.. Estávamos no 9.º ano, o João C. e a Filipa N. estavam apaixonados, o Pedro C. C. sonhava em vir a ser jogador de futebol e o Rui A. foi à televisão imitar o Michael Jackson. Quase todos tinham uma alcunha: a Testa Rossa, a Cavalona, o Splinter, a Beaver, o Chinês, o Dumbo. Eu, a sétima a contar da esquerda, na fila de trás, era a Olívia Palito.» (da nota da autora e intérprete, **Raquel Castro**, actriz e encenadora de cuja formação e vida teatrais fazem parte Pedro Gil, Gonçalo Amorim, Tiago Rodrigues, Miguel Castro Caldas, ou Rui Pina Coelho, entre muitos outros nomes do teatro contemporâneo feito em Portugal).

Partindo de *Class of 76* (da companhia inglesa Third Angel), o espectáculo faz bastante mais do que revisitar as histórias particulares de quem integrou a referida turma de 95, documentando, através da memória de coisas aparentemente despiciendas, uma composição social que espelha o imobilismo da estrutura societal portuguesa. Retrato sociológico desassombrado de uma geração cuja frequência dos Salesianos (originalmente uma obra educativa de caridade destinada aos mais pobres) não salvou da injustiça, da depressão ou da descrença, *Turma de 95* estreou em 2019 e está nomeado para os Prémios da Sociedade Portuguesa de Autores para Melhor Texto e Melhor Espectáculo desse ano.

Alone on stage, Portuguese actress and dramatist Raquel Castro shows us a group picture of her 95 class at Colégio Salesiano de Lisboa, when she was a teenager. Castro investigated the lives and 'becomings' of each one of her colleagues, and gives us a portrait of a generation whose parents could afford to pay for that expensive college. Love, hatred and bullying (long before this term was coined) are part of ***Class of 95***, which was nominated for Best Play and Best Show of 2019 by the Sociedade Portuguesa de Autores.

ALMADA
Teatro-Estúdio António Assunção

		SÁB 4 18:00 e 22:00	**DOM 5** 18:00 e 22:00
SEX 10 18:00 e 22:00		**SÁB 11** 18:00 e 22:00	**DOM 12** 18:00 e 22:00

© MAGDA BIZARRO

TEATRO NACIONAL D. MARIA II (Lisboa, Portugal)

A PARTIR DE UMA CRIAÇÃO ORIGINAL PELA COMPANHIA MUNDO PERFEITO

Co-produção: O Espaço do Tempo e Maria Matos Teatro Municipal

By Heart

Texto e encenação de **Tiago Rodrigues**

Com fragmentos e citações de William Shakespeare, Ray Bradbury, George Steiner, Joseph Brodsky, entre outros.

CENOGRAFIA, ADEREÇOS E FIGURINOS
Magda Bizarro

INTERPRETAÇÃO
Tiago Rodrigues

DIRECÇÃO DE CENA
André Pato

PRODUÇÃO EXECUTIVA
Rita Forjaz

PRODUÇÃO EXECUTIVA NA CRIAÇÃO ORIGINAL
Magda Bizarro
Rita Mendes

Duração
1h30m a 2h

Classificação
M/12

Tiago Rodrigues ensina um poema a 10 pessoas que nunca viram o espectáculo e não faziam ideia que poema iam aprender de cor à frente do público. Enquanto isso, vai desfiando histórias muito pessoais sobre a sua avó quase cega e sobre escritores e personagens de livros. À medida que cada par de versos vai sendo ensinado ao grupo, ligações improváveis emergem: entre o vencedor do Nobel Boris Pasternak, uma cozinheira do Norte de Portugal e um programa de televisão holandês chamado *Beleza e consolação*, por exemplo.

Eis um espectáculo de grande originalidade que demonstra a importância da transmissão, do invisível contrabando de palavras e ideias que apenas guardar um texto na memória pode oferecer. Um espectáculo sobre o esconderijo seguro que os textos proibidos sempre encontraram nos nossos cérebros e nos nossos corações – garantia de civilização, mesmo nos tempos mais bárbaros e desolados. Como diria o professor de Literatura George Steiner (1929-2020), "assim que 10 pessoas sabem um poema de cor, não há nada que a KGB, a CIA ou a Gestapo possam fazer. Esse poema vai sobreviver".

Combinando histórias reais com ficção, adaptando ou reescrevendo clássicos, ou ainda sendo assumidamente autobiográfico, como é o caso, o teatro de **Tiago Rodrigues** encontra a sua substância quintessencial na relação profunda, emotiva e poética com a arte chamada Literatura. Em 2018 foi galardoado com o XV Prémio Europa Realidades Teatrais e em 2019 com o Prémio Pessoa. É director artístico do Teatro Nacional D. Maria II desde 2015.

By Heart by the artistic director of the Lisbon National Theater is not a one man show. Actually the play only begins when 10 people from the audience accept his invitation to go on stage and learn the sonnet number 30 by William Shakespeare... by heart. In the meantime, we are told the story of an old lady who asked for a book to memorize before going blind.

ALMADA
Cine-Teatro da Academia Almadense
Auditório Osvaldo Azinheira

		SÁB 04 21:30	**DOM 05** 16:00
SEX 10 21:30		**SÁB 11** 21:30	**DOM 12** 16:00

© JOÃO TUNA/TNSJ

TEATRO NACIONAL SÃO JOÃO (Porto, Portugal)

Castro

De **António Ferreira**
Encenação de **Nuno Cardoso**

DRAMATURGIA E ASSISTÊNCIA DE ENCENAÇÃO
Ricardo Braun

CENOGRAFIA
F. Ribeiro

FIGURINOS
Luís Buchinho

DESENHO DE LUZ
José Álvaro Correia

SONOPLASTIA
João Oliveira

VÍDEO
Fernando Costa

VOZ
Carlos Meireles

MOVIMENTO
Elisabete Magalhães

INTERPRETAÇÃO
Afonso Santos
Joana Carvalho
João Melo
Margarida Carvalho
Maria Leite
Mário Santos
Pedro Frias
Rodrigo Santos

Duração
2h

Classificação
M/12

Escrita na segunda metade do séc. XVI pelo poeta **António Ferreira** (1528-1569), *Castro* inaugura definitivamente a tragédia clássica em Portugal. Mas *Castro* não é memorável apenas por ser a primeira: é também a mais terrífica das tragédias, morada de algumas das mais belas palavras alguma vez escritas em português. No panteão dos monumentos literários quinhentistas, *Castro* rivaliza em importância e esplendor do verso com *Os Lusíadas* de Luís de Camões. «*Castro* é o cúmulo de amor pelas palavras. Não é uma simples tragédia. É uma tragédia complicada. Se é que outra existe.» (Miguel Esteves Cardoso)

O encenador **Nuno Cardoso**, actual director artístico do Teatro Nacional São João, arrisca nesta criação inexcedivelmente iconoclasta um comentário ácido aos nossos dias trágicos, também eles muito complicados, talvez nem tanto assim diferentes dos de Pedro e Inês quando se amaram tão brutamente. «A *Castro* de Nuno Cardoso acentua, com requintes de doidice shakespeariana, os motivos de impotência do rei, a sua prosaica cobardia moral, o seu "lavar de mãos" (Regina Guimarães). A jornalista Inês Nadais resumiu o espectáculo na seguinte frase: «No condomínio fechado em que Inês se dá à *tristesse* pós-coital no quarto, Pedro afoga as mágoas em leite com Chocapic na cozinha, e Afonso IV vive os anos da próstata na casa de banho.» (*Pedro e Inês para os dias do Tinder*, Público, *Ípsilon*, 06/03/20)

Castro is unanimously considered the most beautiful tragedy of Portuguese dramaturgy. Written on the second half of the XVI century by Portuguese poet António Ferreira (1528-1569), the play describes one of the most tragic and violent episodes of Portuguese medieval history. Once the Portuguese kingdom is menaced by the Spanish, King Afonso IV sends his men to kill the Galician Inês de Castro, who is the mistress of his son, Prince Pedro, and has two children by him. This episode gave origin to several literary echoes, from Camões to Montherlant.

As Assinaturas do Festival dão acesso apenas às sessões dos dias 11 e 12 de Julho

QUI 09	SEX 10	SÁB 11	DOM 12
21:00	21:00	21:00	16:00

ALMADA
Teatro Municipal Joaquim Benite
Sala Principal

ARTISTAS UNIDOS (Lisboa, Portugal)

Uma solidão demasiado ruidosa

A partir do romance de **Bohumil Hrabal**
De **António Simão**

CENOGRAFIA E FIGURINOS
Rita Lopes Alves

DESENHO DE LUZ
Pedro Domingos

INTERPRETAÇÃO
António Simão

Duração
1h

Classificação
M/12

Estreado em 1997, este espectáculo é agora retomado pelos Artistas Unidos. Trata-se de um monólogo pujante que nos transporta para o ambiente amarelecido e cru da Checoslóvaquia de Kafka, afinal símbolo universal do absurdo existencial que povoa as nossas vidas. Uma história simples: um homem, um funcionário que vive algures numa casa escura e velha cheia de livros, cuja tarefa é prensar papel velho numa cave – todos os dias, toneladas de livros. Um homem solitário, que vive de memórias do passado, de frases livrescas e de canecas de cerveja. Como um vagabundo que lesse todos os livros que passam por essa cave, o homem torna-se culto por inadvertência.

Bohumil Hrabal (1914-1997), nome maior da literatura checa do século XX, deixou uma obra marcada pela irreverência e pelo sentido do grotesco. Viveu a ocupação nazi e o estalinismo do pós-guerra, tendo exercido vários e distintos ofícios, entre os quais os de ferroviário, contra-regra, telegrafista, empregado de notário, marçano, angariador de seguros, caixeiro-viajante, operário siderúrgico, figurante de teatro, e também o de prensador de papel, no qual se inspiraria para escrever *Uma solidão demasiado ruidosa*, publicado em 1976. **António Simão** encena esta «lição de História (desde a II Guerra até ao Maio de 1968), mergulhando nas pulsões do intemporal inconsciente do Mundo. Aquilo de que sofreu Hanta, a personagem desta história, chega nestes nossos dias ao pico do seu horrendo desenvolvimento – a industrialização, a tecnologia, o consumo e a desumanização.»

António Simão, from the cast of Artistas Unidos, reprises a show that he originally premiered in 1997: ***Too Loud a Solitude***, after the novel by the Czech writer Bohumil Hrabal (1914-1997) published in 1976. On this monologue we are taken to the absurd Czechoslovakia of Franz Kafka: a man lives in a basement and his only activity consists in pressing old paper and drinking beer. He lives from the memories of the past, but after reading so many books Hanta (which is the name of this character) actually becomes a cultivated person.

ALMADA
Incrível Almadense
Salão de Festas

SEX 10	SÁB 11	DOM 12
18:00 e 22:00	18:00 e 22:00	15:00 e 19:00

© RUI CARLOS MATEUS

COMPANHIA DE TEATRO DE ALMADA (Almada, Portugal)
Co-apresentação: Centro Cultural de Belém

Viagem de Inverno

De **Elfriede Jelinek**
Encenação de **Nuno Carinhas**

TRADUÇÃO
António Sousa Ribeiro

CENOGRAFIA E FIGURINOS
Nuno Carinhas

DESENHO DE LUZ
Nuno Meira

SOM
Andreia Mendrico

INTERPRETAÇÃO
Ana Cris
Flávia Gusmão
Teresa Gafeira

PARTICIPAÇÃO
Sara Carinhas

Duração
2h40m

Classificação
M/14

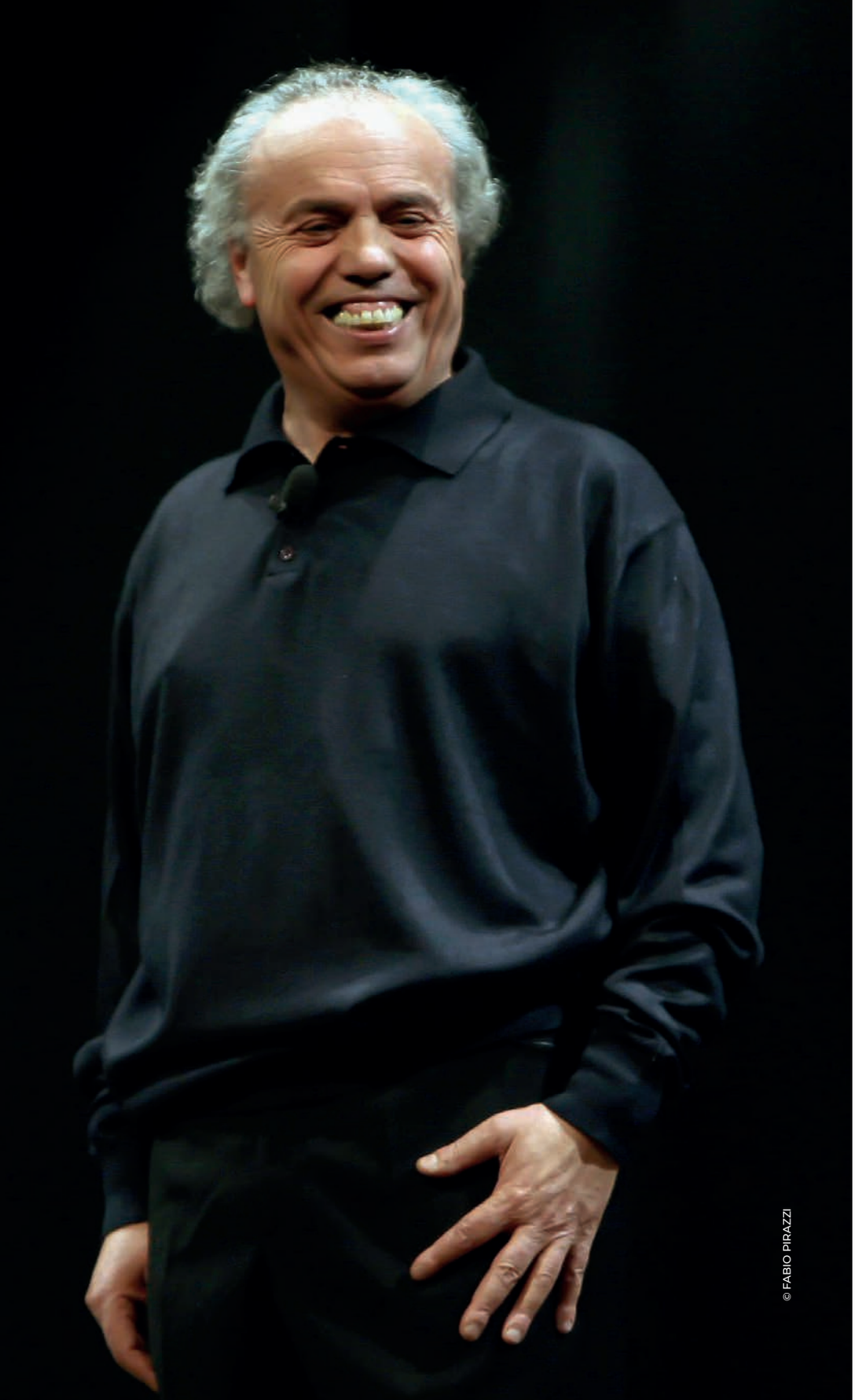
É a primeira vez que Nuno Carinhas dirige uma criação para a Companhia de Teatro de Almada: uma peça de Elfriede Jelinek que transporta uma memória significantemente histórica (na qual se destaca a sobrevivência da mentalidade fascista) mas também autobiográfica. O título faz referência ao ciclo de Schubert, sobre poemas de Wilhelm Müller, que a própria autora acompanhou com frequência ao piano. "Julgo que nenhuma obra de arte alguma vez significou mais para mim", escreveu Jelinek sobre *Winterreise* no discurso de agradecimento pelo Prémio de Mülheim para Autores Dramáticos atribuído pelo texto *Viagem de Inverno. Uma peça de teatro*. Para além da revisitação que a autora faz de elementos da sua própria vida, o texto aborda episódios recentes da vida austríaca: a falência e resgate do banco Hypo Alpe Adria, ou o rapto de Natascha Kampusch, a menina de dez anos que foi mantida refém durante mais de oito anos.

Distinguida com o Prémio Nobel da Literatura em 2004 «pelo fluxo poderoso e a musicalidade da sua escrita», a austríaca **Elfriede Jelinek** ganhou especial visibilidade com o filme de Michael Haneke *A pianista*, com Isabelle Huppert no papel principal. O encenador **Nuno Carinhas** dirigiu o Teatro Nacional São João entre 2009 e 2018. Também cenógrafo e figurinista, antigo aluno de Pintura, as suas criações teatrais são marcadas por uma forte relação plástica com o texto.

This is the first time that Nuno Carinhas directs a show of the Companhia de Teatro de Almada: a play by Austrian author Elfriede Jelinek, winner of the 2004 Nobel Prize for Literature. ***A Winter's Journey*** enters into dialogue with Schubert's famous composition, poems by Wilhelm Muller, as well as episodes of the author's own life story. The play addresses recent Austrian social and political life: the bankruptcy and financial rescue of a bank or the kidnapping for over eight years of 10-year-old Natascha Kampusch.

LISBOA
Centro Cultural de Belém
Pequeno Auditório

	SÁB 11 21:00	**DOM 12** 16:00
As Assinaturas do Festival dão acesso apenas às sessões dos dias 13 e 14 de Julho	**SEG 13** 21:00	**TER 14** 21:00



© FABIO PIRAZZI

COMPAGNIA TEATRALE FO RAME (Gubbio, Itália)
Apoio: Instituto Italiano de Cultura de Lisboa

Johan Padan a la descoverta de le Americhe

De **Dario Fo** e **Franca Rame**
Encenação de **Dario Fo**

INTERPRETAÇÃO
Mario Pirovano

Duração
1h30m

Classificação
M/12

Língua
Gramelot – dialecto inventado por Dario Fo
(legendado em Português)

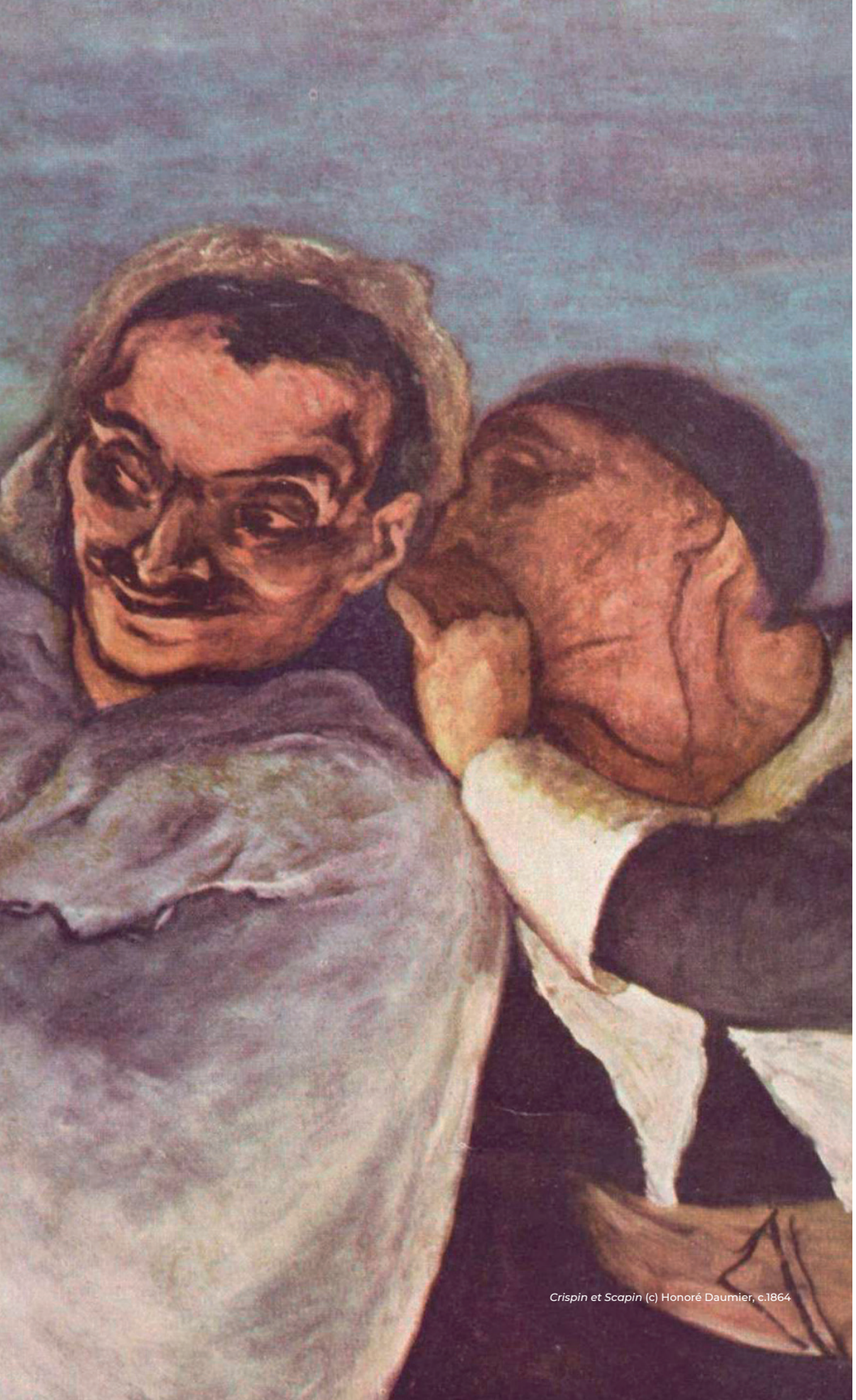
Este texto do Prémio Nobel da Literatura de 1997, um monólogo em dois actos, é narrado por Johan Padan, um veneziano fugitivo da Inquisição que acompanha Cristóvão Colombo na sua quarta viagem ao Novo Mundo como responsável pelos animais a bordo. Tornado náufrago, alcança terra às costas de um porco e é salvo por um grupo de indígenas. Dirigido às comemorações dos quinhentos anos da primeira viagem de Colombo à América, celebradas em 1992, o texto foi composto a partir de uma apurada investigação que Fo fez aos diários dos exploradores dos séculos XV e XVI, e escrito num dialecto inventado que mistura o italiano antigo da Lombardia e de Veneza com o catalão, o castelhano, o provençal, o português e o árabe.

Franca Rame (1929-2013), a actriz e mulher de **Dario Fo** (1926-2016), traduziu o texto para italiano moderno. Estreou em 1991 em Trento, no Teatro Roma, e foi publicado em livro pela primeira vez em 2000. O actor **Mario Pirovano** conheceu Fo e Rame em 1983. Hoje leva a todo o Mundo os espectáculos deste casal que mudou a História do teatro europeu. A sua narração é frenética, imaginativa, hilariante, um turbilhão que constitui um momento de grande virtuosismo do teatro de arte, demonstrando a que ponto um actor e um texto poderosos, sem artifícios, podem ser espectaculares e arrebatar uma plateia.

Johan Padan and the Discovery of America, a one-man play by Dario Fo, was a response to the 1992 quincentennial celebrations of the first voyage of Christopher Columbus to America. It is narrated by Johan Padan, a fugitive from the Venetian Inquisition who accompanies Columbus on his fourth voyage to the New World. Purely by use of gesture, mimicry and voice, actor Mario Pirovano brings to life the situations and characters of the story, the human and the animal, impersonating effects from rain to fireworks.

ALMADA
Incrível Almadense
Salão de Festas

		QUA 15 21:30	**QUI 16** 21:30
SEX 17 21:30		**SÁB 18** 15:00	**DOM 19** 15:00



Crispin et Scapin (c) Honoré Daumier, c.1864

COMUNA — TEATRO DE PESQUISA
(Lisboa, Portugal)

ESTREIA

As artimanhas de Scapin

De **Molière**
Tradução de **Carlos Drummond de Andrade**
Encenação de **João Mota**

ESPAÇO CÉNICO
João Mota

DESENHO DE LUZ
Paulo Graça

INTERPRETAÇÃO
Carlos Paulo
Daniela Santos
Gonçalo Botelho
Hugo Franco
Igor Sampaio
Marco Paiva
Miguel Sermão
Patrícia Fonseca
Rogério Vale

PRODUÇÃO
Carlos Bernardo
Rosário Silva

Duração
1h30m

Classificação
M/12

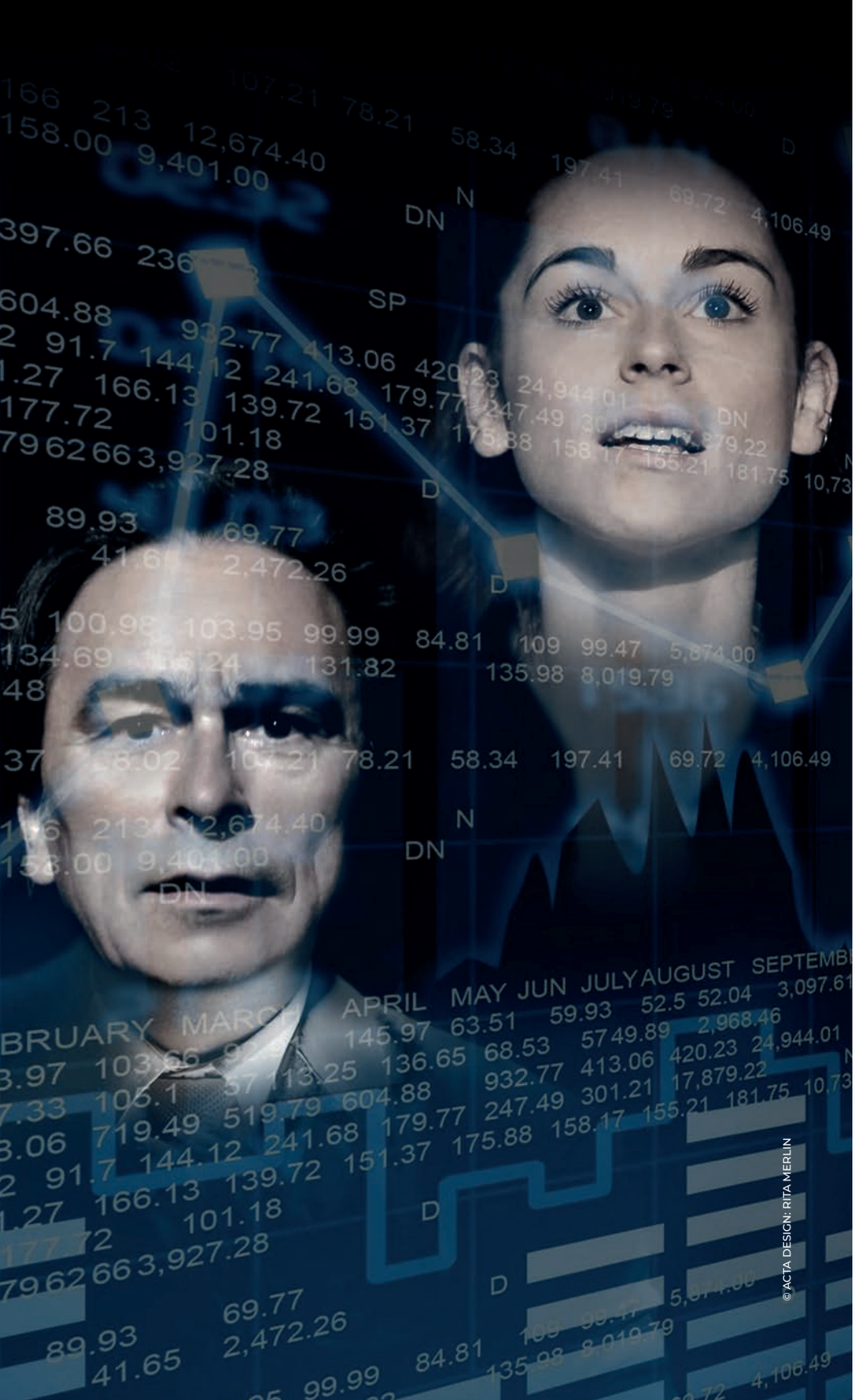
Eis uma das mais conhecidas comédias de **Molière** (1622-1673), peça em prosa e em três actos, representada pela primeira vez em Paris em 1671. Fortemente marcada pelo espírito e feição popular e expressionista da *commedia dell'arte*, tem por base o enredo de *Formião*, uma peça da Antiguidade clássica da autoria do poeta Terêncio (representada pela primeira em 161 a.C). Inicialmente criticada pela sua estética, julgada demasiado popular e até mesmo ofensiva, esta comédia viria a granjear enorme popularidade depois da morte do seu autor, tornando-se uma das peças mais representadas do repertório teatral francês. O espectáculo, encenado por **João Mota** usa a tradução de 1962 do poeta brasileiro **Carlos Drummond de Andrade** (1902-1987).

Dois jovens, Octávio e Leandro, na ausência dos seus respectivos pais, mercadores abastados, iniciam relacionamentos amorosos. Octávio casa-se secretamente com Jacinta, uma jovem pobre, e Leandro apaixona-se por Zerbineta, uma cigana. Mas eis que os pais regressam antes do esperado e trazem planos de casamento ricos para seus filhos. Desesperados e a precisar de dinheiro para manter o compromisso com as jovens, os rapazes recorrem a Scapin, criado de Leandro, famoso pela sua esperteza.

Teatro da Comuna, founded in 1972, is one of the very first Portuguese independent theater companies. João Mota – who was one of its founders and still is its artistic director – directs the premiere of a classical text from the French dramaturgy: ***Scapin the Schemer***, by Molière. Written in 1671, this comedy invites everyone to have a good laugh at the noblemen cheated by their servants.

ALMADA
Fórum Municipal Romeu Correia
Auditório Fernando Lopes-Graça

QUI 16	SEX 17
21:30	21:30
SÁB 18	**DOM 19**
18:00	15:00 e 21:30



ACTA — A COMPANHIA DE TEATRO DO ALGARVE
(Faro, Algarve)

ESTREIA

Instruções para abolir o Natal

De **Michael Mackenzie**
Encenação de **Isabel dos Santos**

TRADUÇÃO
Isabel dos Santos
Sara Mendes Vicente

CENOGRAFIA
Jean-Guy Lecat

DESENHO E OPERAÇÃO DE LUZ
Octávio Oliveira

DESENHO E OPERAÇÃO DE SOM
Diogo Aleixo

INTERPRETAÇÃO
Luís Vicente
Sara Mendes Vicente

PRODUÇÃO EXECUTIVA
Márcia Martinho

Duração
1h20m

Classificação
M/14

O encenador, cineasta e dramaturgo canadiano Michael Mackenzie estreou este texto em 2011, revisitando os processos e ondas de choque da chamada crise do *subprime*, advinda nos Estados Unidos em 2007 e chegada à Europa em 2008. Assim retratou um sistema económico global feito refém do sector financeiro – um universo impenetrável e desumanizado, dirigido a partir de reuniões à porta fechada nas quais se joga a vida de países com fundos de investimento de risco. O texto viria a conhecer uma nova versão, numa narrativa agora contextualizada pela incerteza das consequências do Brexit. «Espero que esta peça vos proporcione um vislumbre, por mais pequeno que seja, do mecanismo obscuro e frágil da máquina do sistema económico mundial, através destas duas personagens apanhadas no turbilhão do seu colapso e na implosão das suas próprias vidas», escreveu o autor. Vidas que nesta nova versão são expostas enquanto emanações de uma humanidade deformada, marcadas pela sociopatia e pela disfuncionalidade (de contornos trágicos) dos laços de sangue, numa evocação dos grandes mitos clássicos da Antiguidade.

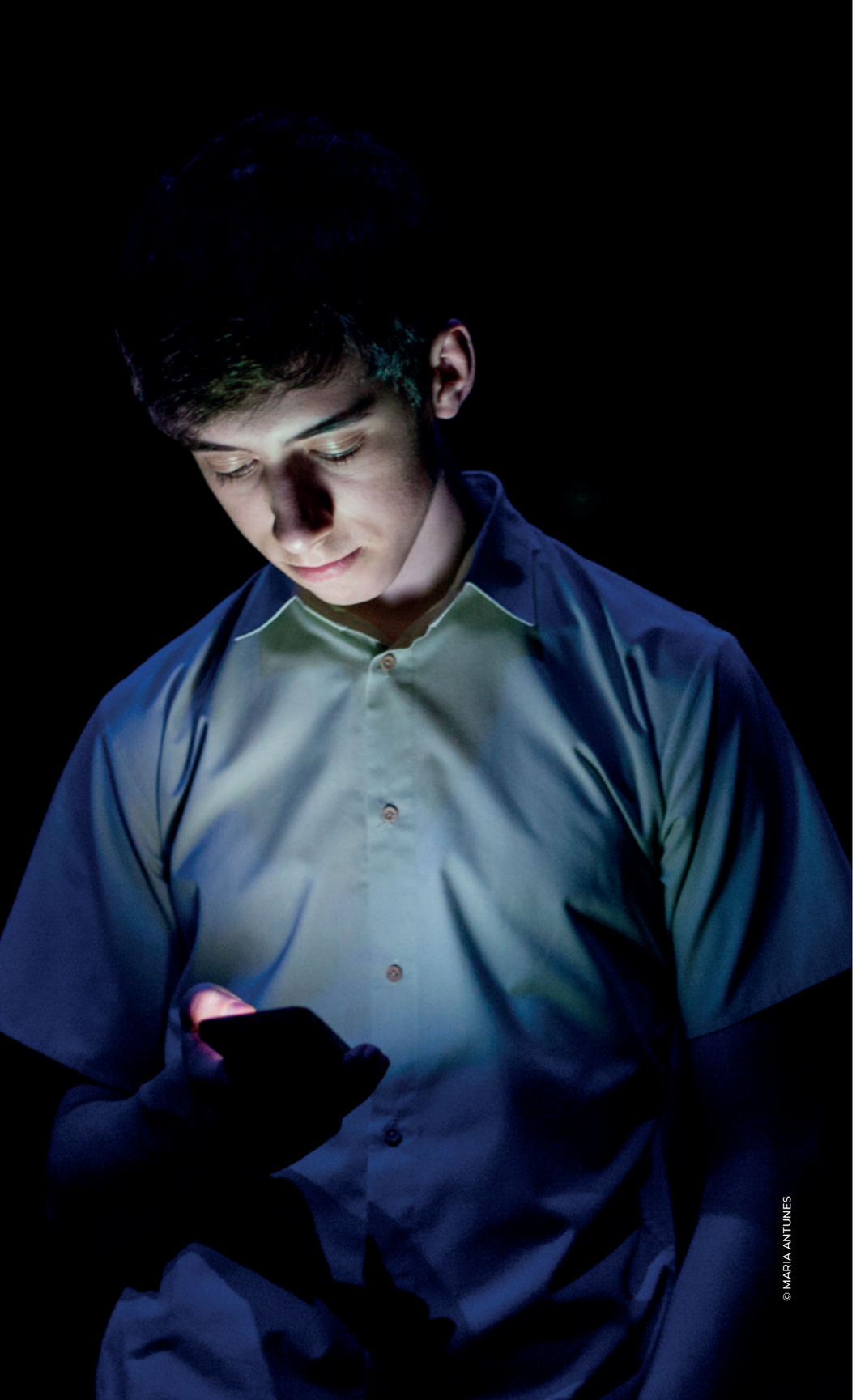
Com encenação de **Isabel dos Santos**, encenadora e actriz portuguesa que vive e trabalha há vários anos no Canadá, onde foi vereadora da Câmara de Montreal com o pelouro da Acção Social, e contando com a interpretação de **Luís Vicente**, eis um espectáculo sobre duas personagens em crise. Crise eminentemente ontológica – por inevitável contaminação, nas relações entre os seres humanos, dos princípios operativos da finança mundial.

Instructions to Abolish Christmas by Canadian film and theater director Michael Mackenzie, was written in 2011 and is based on the effects of the subprime crisis of 2007. Luís Vicente, the director of ACTA, invited Isabel dos Santos – a Portuguese who has been living in Canada for many years – to direct this play.

ALMADA
Cine-Teatro da Academia Almadense
Auditório Osvaldo Azinheira

QUI 16	SEX 17
21:30	21:30
SÁB 18	**DOM 19**
21:30	16:00 e 21:30

	LOCAL	ESPECTÁCULO PRODUÇÃO	Pág.	03 SEX	04 SÁB	05 DOM	09 QUI	10 SEX	11 SÁB	12 DOM	13 SEG	14 TER	15 QUA	16 QUI	17 SEX	18 SÁB	19 DOM	22 QUA	23 QUI	24 SEX	25 SÁB	26 DOM
ALMADA	TEATRO MUNICIPAL JOAQUIM BENITE Sala Principal	***Bruscamente no Verão passado*** TEC – Teatro Experimental de Cascais	11	21:00	21:00	16:00																
		Castro Teatro Nacional São João	23				21:00	21:00	21:00	16:00												
		Future Lovers La Tristura	37												21:00	21:00	16:00					
		Turismo A Turma	43																	21:00	21:00	21:00
	Sala Experimental	***Mártir*** Companhia de Teatro de Almada	13	21:30	16:00	19:00								21:30	21:30	16:00	19:00	21:30	21:30	21:30	16:00	19:00
	FÓRUM ROMEU CORREIA	***O Mundo é redondo*** Ar de Filmes/ Teatro do Bairro	17		18:00	21:30		21:30	18:00	21:30												
		As artimanhas de Scapin Comuna – Teatro de Pesquisa	31											21:30	21:30	18:00	15:00 21:30					
		A criada Zerlina Culturproject	41															21:30	21:30	21:30	18:00	15:00
	INCRÍVEL ALMADENSE Salão de festas	***A grande emissão do mundo português*** Teatrão	15	21:30	15:00 19:00	15:00 19:00																
		Uma solidão demasiado ruidosa Artistas Unidos	25					18:00 22:00	18:00 22:00	15:00 19:00												
		Johan Padan a la descoverta de le Americhe Compagnia Teatrale Fo Rame	29										21:30	21:30	21:30	15:00	15:00					
		O criado Um Marido Ideal	45																		15:00 18:00 21:30	15:00 18:00 21:30
	ACADEMIA ALMADENSE Cine-teatro	***By Heart*** Teatro Nacional D. Maria II	21		21:30	16:00		21:30	21:30	16:00												
		Instruções para abolir o Natal ACTA – A Companhia de Teatro do Algarve	33											21:30	21:30	21:30	16:00 21:30					
		Rebota rebota y en tu cara explota Compañía Agnès Mateus y Quim Tarrida	39															21:30	21:30	21:30	21:30	16:00
	TEATRO-ESTÚDIO ANTÓNIO ASSUNÇÃO	***Turma de 95*** Barba Azul	19		18:00 22:00	18:00 22:00		18:00 22:00	18:00 22:00	18:00 22:00												
LISBOA	CCB Pequeno Auditório	***Viagem de Inverno*** Companhia de Teatro de Almada	27						21:00	16:00	21:00	21:00										


© MARIA ANTUNES

LA TRISTURA (Madrid, Espanha)
Co-produção: Teatros del Canal e Comunidad de Madrid
Apoio: Embaixada de Espanha em Lisboa

Future Lovers

De **Celso Giménez**

CENOGRAFIA
Ana Muñiz

FIGURINOS
Pedro Lobo

DESENHO DE LUZ
Carlos Marquerie

ESPAÇO SONORO
Eduardo Castro

INTERPRETAÇÃO
Gonzalo Herrero
Itziar Manero
Manuel Egozkue
Pablo Díaz
Sara Toledo
Siro Ouro

ASSISTÊNCIA DE CENA E APOIO À DRAMATURGIA
Itsaso Arana
Violeta Gil

ASSESSORIA ARTÍSTICA
Marcos Morau

PRODUÇÃO EXECUTIVA
Alicia Calôt

DIRECÇÃO TÉCNICA
Roberto Baldinelli

Duração
1h25m

Classificação
M/12

Língua
Castelhano
(legendado em Português)

Numa noite de Verão, seis jovens nascidos por alturas do ano 2000 falam sobre si e sobre o Mundo olhado pela primeira geração que transversalmente cresceu sem acreditar em Deus. «Há alguns anos tivemos a oportunidade de trabalhar com crianças de cerca de 9 anos de idade. Foi um dos processos mais inspiradores da nossa vida. O que terá acontecido quando a violência e a sexualidade se apropriaram dos seus corpos? Como se vivem os primeiros tempos em que todas essas mudanças ocorrem? Como conseguiram relacionar-se com os outros nesse novo lugar do ser? De que forma as suas primeiras escolhas determinarão as suas vidas? O que faz a adolescência numa vida? Isso que faz muda consoante a época histórica?» (das notas de criação) Ei-los, os amantes do futuro, num espectáculo de teatro que junta artistas e jovens comuns.

Trabalhando juntos há vários anos, **Itsaso Arana**, **Violeta Gil** e **Celso Giménez** procuram gerar "situações humanas" dentro e fora do palco, amplificando as possibilidades da vida através da investigação dos limites entre a auto-representação e a representação. **La Tristura** é um projecto de teatro de acção que, a partir as investigação e da palavra, gera espectáculos de fronteira entre o psicodrama, o sociodrama e a arte propriamente dita – evocando os processos e razões do movimento político-artístico que ficou conhecido como Internacional Situacionista, que atribuía à arte a função quintessencial de agir sobre a realidade para a revolucionar. As criações de **La Tristura** passaram já pelo Théâtre de la Ville, em Paris, pela Cena Contemporânea de Brasília ou ainda pelo Festival Scènes d'Europe, em Reims, França.

Future Lovers is an exercise of imagining the future, working with teenagers and exploring new ways of seeing the world, focusing on the constant changes in human relationships. La Tristura tries to generate "human situations" inside and outside of the stage, investigating the limits between presentation and representation. La Tristura collaborates with contexts like Cena Contemporânea in Brasilia or the Théâtre de la Ville in Paris.

ALMADA
Teatro Municipal Joaquim Benite
Sala Principal

SEX 17	SÁB 18	DOM 19
21:00	21:00	16:00

© QUIM TARRIDA

COMPAÑÍA AGNÈS MATEUS Y QUIM TARRIDA (Barcelona, Espanha)

Co-produção: Festival TNT, Antic Teatre e Konvent Puntzero

Apoio: Embaixada de Espanha em Lisboa

Rebota rebota y en tu cara explota

Uma criação de **Agnès Mateus** e **Quim Tarrida**

INTERPRETAÇÃO
Agnés Mateus

DESENHO DE LUZ
Carles Borràs

ESPAÇO SONORO E AUDIOVISUAL
Quim Tarrida

PARTICIPAÇÃO
Pablo Domichovsky e um extra

TRADUÇÃO
Rita Gonçalves

LEGENDAGEM
Noemí Laviana

PRODUÇÃO EM DIGRESSÃO
Elclimamola

Duração
1h15m

Classificação
M/14

Língua
Castelhano
(legendado em Português)

Aviso: é utilizada luz estroboscópica

Várias vezes premiado com algumas das mais prestigiadas distinções da Catalunha (Prémio da Crítica para o Melhor Espectáculo de Novas Tendências de 2017, Prémio "Aplauso" pelo FAD – Prémio Sebastià Gasch, e Prémio Butaca para Novos Contributos Cénicos, ambos em 2018), eis uma reflexão de grande poder performativo, que demonstra a que ponto «o corpo das mulheres é onde se manifesta o fracasso do Estado» (Rita Laura Segato, antropóloga e escritora). Com um pé bem firmado na *performance*, em que o corpo, e até mesmo as palavras que o corpo, diz são da ordem do visceral, trata-se de um espectáculo corajoso mas também áspero e desconcertante, que mostra a vida sem hipocrisia e não deixa ninguém indiferente. Contra o conformismo e uma passividade que dá que pensar, talvez só reste mesmo mostrar a violência com violência.

Agnès Mateus, formada em jornalismo, integrou em 1996 o Colectivo General Elèctrica. *Performer*, actriz e artista multidisciplinar, trabalhou com grandes nomes da cena contemporânea de Espanha como Juan Navarro, Roger Bernat, Rodrigo García ou ainda Simona Levi. Colaborou também com La Fura dels Baus. **Quim Tarrida** é um artista multidisciplinar de linha estética conceptual e neo-*pop*. Desenhador, músico, fotógrafo, videógrafo, pintor, escultor e *performer*, o seu trabalho aborda o palco como um lugar de artes múltiplas.

With a rich vein of coarse humour, Catalan performer Agnès Mateus breaks into a male-dominated environment and asserts her position alone on stage. ***Rebota Rebota y en tu cara explota***, a criation by Agnès Mateus and Quim Tarrida, dissects the structures of patriarchy and demands that we finally address the topic of violence in women's lives, shake ourselves out of our indifference and call a spade a spade. The show won the Critics Award 2017 for Best New Trends Show, the FAD Sebastià Gasch Award 2018, and the Butaca Award 2018 for New Scenic Trends.

ALMADA
Cine-Teatro da Academia Almadense
Auditório Osvaldo Azinheira

SEX 24	SÁB 25	DOM 26
21:30	21:30	16:00

QUA 22	QUI 23
21:30	21:30

© VITORINO CORAGEM

CULTURPROJECT (Lisboa, Portugal)
Co-produção: Centro Cultural de Belém

A criada Zerlina

A partir de **Hermann Broch**
Encenação de **João Botelho**

VERSÃO
António S. Ribeiro (com a colaboração de José Ribeiro da Fonte, a partir da tradução de Suzana Muñoz)

CENOGRAFIA
Pedro Cabrita Reis

DESENHO DE LUZ
Nuno Meira

SONOPLASTIA
Sérgio Milhano

INTERPRETAÇÃO
Luísa Cruz

PRODUÇÃO EXECUTIVA
Nuno Pratas

Duração
1h30m

Classificação
M/12

Zerlina é uma das mais famosas criadas de sempre. A sua história, de aparência simples, é formada por uma sobreposição de camadas que a tornam não apenas complexa como plural. A personagem, que surge num dos contos de *Os inocentes* (de 1950, que não por acaso os franceses traduziram por *Os irreponsáveis*), nasceu às mãos do escritor austríaco modernista **Hermann Broch** (1886-1951), um autor para quem a definição de arte tinha de assentar numa filiação relativamente à quintessência da humanidade, e jamais no belo pelo belo.

Num exercício retrospectivo, Zerlina expõe uma história de paixão atravessada pelo ressentimento sexual e classista, por um erotismo primitivo e por uma obsessão ética. Zerlina integra a vasta galeria daqueles em quem a brutalidade jamais cedeu à civilização, e que por essa razão transportam, sem consciência disso, as bandeiras mais tenebrosas, e desde logo a do nazismo, que Broch, judeu perseguido, dissecou nas suas razões ocultas.

Jeanne Moreau interpretou Zerlina em 1986 no Théâtre des Bouffes-du-Nord, numa famosa encenação de Klaus Michael Grüber. Em Portugal, a Zerlina mais famosa é a de Eunice Muñoz (dirigida por João Perry em 1988). Agora é a vez de **Luísa Cruz**, num desempenho que lhe valeu um Globo de Ouro em 2019, sendo dirigida pelo cineasta **João Botelho**, naquela que constituiu a sua estreia como encenador teatral.

This new production of Hermann Broch's well-known text combines the talent of one of Portugal's best known actresses with the direction of one of the most prolific Portuguese film directors: João Botelho. For her performance in this show, Luísa Cruz won a Golden Globe. *Time Out* magazine referred to her interpretation in ***The Maid Zerlina*** as follows: "Only an interpreter with her character makes credible and exciting and captivating a text that doesn't care about romanticism". Stage design was created by famous Portuguese artist Pedro Cabrita Reis.

ALMADA
Fórum Municipal Romeu Correia
Auditório Fernando Lopes-Graça

		QUA 22 21:30	**QUI 23** 21:30
SEX 24 21:30		**SÁB 25** 18:00	**DOM 26** 15:00

© JOSÉ CALDEIRA

A TURMA (Porto, Portugal)
Co-produção: Teatro Municipal do Porto e Cine-Teatro Louletano

Turismo

Texto e encenação de **Tiago Correia**

CONSULTORIA ARTÍSTICA E TRADUÇÃO
Regina Guimarães

CENOGRAFIA
Ana Gormicho

FIGURINOS
Sara Miro

DESENHO DE LUZ
Rui Monteiro
Teresa Antunes

DESENHO DE SOM E MÚSICA ORIGINAL
Rui Lima
Sérgio Martins

VÍDEO E FOTOGRAFIA
Francisco Lobo

INTERPRETAÇÃO
André Júlio Teixeira
Claudia Lázaro
Inês Curado
José Eduardo Silva
Paulo Lages
Romi Soares

PRODUÇÃO EXECUTIVA
Ludovica Daddi

Duração
2h20m

Classificação
M/14

Estreado em Janeiro de 2020 no Teatro do Campo Alegre (Teatro Municipal do Porto), é um espectáculo de forte feição política sobre a *gentrificação*, o processo de especulação imobiliária levado a cabo numa zona urbana e do qual resulta a substituição do tecido socio-económico pré-existente (geralmente constituído por populações envelhecidas e com pouco poder de compra, comércio tradicional, etc.) por outro com mais liquidez para o consumo e sem laços identitários e emotivos de pertença ao lugar. «O espectáculo pega pelos dois cornos este enorme boi que marra contra o granito e a carne dos autóctones.» (Regina Guimarães) Durante três dias e três noites vertiginosas, seis personagens debatem-se com o fechamento de horizontes que a nova ordem neoliberal lhes impõe. À urbe cartografável sobrepõem-se geografias sentimentais, retrospecções e projecções que constroem um lugar compósito e multifacetado.

O repertório de **A Turma** contempla peças de autores fundamentais da dramaturgia contemporânea, adaptações livres de clássicos, mas sobretudo nova dramaturgia e textos originais. A investigação cénica e dramatúrgica sobre a linguagem e as relações humanas são as suas mais fortes premissas. **Tiago Correia** co-fundou A Turma em 2008, assumindo a sua direcção artística desde 2018. Actor em teatro, cinema e televisão, recebeu o Prémio de Melhor Actor no Festival Ver e Fazer Filmes da Capital Europeia da Cultura Guimarães 2012. Para A Turma encenou já textos de Jean-Luc Lagarce, Peter Handke ou ainda Jon Fosse. Recebeu por duas vezes o Grande Prémio de Teatro Português da SPA, com os textos *Pela água* (2016) e *Alma* (2018).

Tourism is a text by Tiago Correia – from A Turma, an Oporto group – about the contradictions of tourism as a pattern of development of modern cities, and the effects that this economic activity has on the inhabitants of a city, as well as on the city itself. Being a famous tourist destination from some years now, Portugal became the Mecca for new online business models for house rental. Apparently everybody wins, but what comes of the inhabitants of the cities? Where shall they live? Is it possible to conceive Portugal without the Portuguese?

ALMADA
Teatro Municipal Joaquim Benite
Sala Principal

SEX 24	SÁB 25	DOM 26
21:00	21:00	21:00

© ALÍPIO PADILHA/ FESTIVAL TEMPS D' IMAGES

UM MARIDO IDEAL (Lisboa, Portugal)

O criado

De **Robin Maugham**
Adaptação e encenação de **André Murraças**

CENOGRAFIA
André Muraças

VÍDEO
Miguel Leitão

INTERPRETAÇÃO
André Murraças
(em palco)
Anabela Brígida
André Patrício
Gabriela Barros
Henrique de Carvalho
Isabel Milhanas Machado
Nuno Gonçalo Rodrigues
(em vídeo)

Duração
1h

Classificação
M/12

Baseado na novela *The Servant*, do escritor inglês **Robin Maugham** (1916-1981, sobrinho do bastante mais conhecido Somerset Maugham), que Harold Pinter e Joseph Losey adaptaram ao cinema em 1963, o espectáculo explora a artificialidade dos papéis sociais e as razões e os modos dessas construções. Cinematográfico, transpõe para uma linguagem contemporânea do teatro (designada por vezes por *intermédia*) uma curiosa paisagem humana, na qual se apresentam os actores como servidores dos encenadores e o público como um corpo de *voyeurs*. Contendo duas partes, o espectáculo começa por evocar Dirk Bogarde (1921-1999), que protagonizou no filme interpretando o papel de Barrett, um criado maldoso que subverte a mais comum relação predatória, e cuja existência foi marcada pela recusa da normatividade então vigente.

Desde cedo fascinado pelo cinema, o dramaturgo e encenador **André Murraças** tem construído um teatro que é grandemente baseado no universo da sétima arte – não raras vezes habitado por seres inadaptados e marcado pela prevalência das relações de poder. Em 2011, revisitou *Os pássaros*, de Alfred Hitchcock, adaptando o famoso guião aos dias de hoje e a uma Lisboa caótica, habitada pelos miseráveis que a crise do *subprime* gerou. Também actor e cenógrafo, tem uma licenciatura em Realização Plástica do Espectáculo e um mestrado em Cenografia. Vários textos seus para teatro estão publicados. Criou o Queerquivo, um arquivo LGBT *online*.

Based on the novel ***The Servant***, written by Robin Maugham (nephew of the famous English playwright and novelist Somerset Maugham), the text was adapted to the cinema by Harold Pinter and Joseph Losey. This show is both a perversion of and a tribute to cinema. André Murraças is a Portuguese playwright, theater director and scenographer whose theatrical work is much inspired by the cinema. In 2011 he revisited Hitchcock's iconic movie *The Birds*, staging the plot in a chaotic Lisbon inhabited by poor people whose lives had been ravaged by the subprime mortgage crisis of 2007-2008.

ALMADA
Incrível Almadense
Salão de Festas

SÁB 25	**DOM 26**
15:00, 18:00 e 21:30	15:00, 18:00 e 21:30

actos complementares

O actor que queria ser sinaleiro

Creio que somos todos um pouco Dom Quixote:
certas ilusões são mais poderosas que a realidade.
MARCELLO MASTROIANNI

Para que serve um arquivo de memórias construídas sobre fotografias, objectos e histórias? Recordar é celebrar um tempo que já não existe. Se nos dispomos a esse jogo, fechamos os olhos e entramos num armário sem fundo, onde vão surgindo visões de cor esfumada. Evoluímos num turbilhão de fragmentos: sons, cheiros, imagens desconexas. Recordações são talvez fichas a saltar de um armazém de arquivos, imagens errantes disponíveis para organizar histórias com origem incerta mais ou menos parecidas. Neste exercício, cada um constrói um mapa à sua maneira e, na vontade de o suster, imprime nele a nítidez possível, consoante o tom que mais lhe interessa naquele instante. Em plena pandemia, o exercício de conceber uma exposição constitui diferente desafio, num tempo em que as regras estabelecem uma nova ordem na relação com e entre visitantes. Pânico, medo, andam perto. Temos mais perguntas que respostas. Muitos receiam uma outra barbárie, talvez um dilúvio. Construir uma arca de Noé para salvar imagens e conhecimento é uma espécie de inquietação que me persegue.

Proposta: em vez do dispositivo para a habitual viagem pela galeria, deparamos com um só contentor pronto para o embarque; uma exposição enclausurada, e forçosamente condensada, que o visitante pode levar para casa (*takeaway*); uma composição de fragmentos acompanhados de um atlas particular (livro de instruções geográficas). O desafio é uma visita imaginária. Cabe a cada um inventar novos percursos sempre que lhe aprouver e apetecer fazer incursões nesta *box*, um micro-universo dedicado ao actor Rui Mendes. Incursão limitada pelas circunstâncias da pandemia, mas também porque perante uma vida e obra tão cheias e ricas seria difícil, impossível até, conseguir mostrar e falar de tudo – uma lista infindável, sempre incompleta.

Rui Mendes, actor e encenador, prudente, conhecedor, eficaz, um sorriso constante onde parece espreitar o humor ou a ingenuidade do jovem que permanece, como se fosse possível uma constante dualidade: de um lado o teatro, do outro a formação interior. Ser pragmático, um quase arquitecto do espaço e de uma espécie de "teatro imediato", ponderado, divertido, quase sempre moderado, exercícios constantes para esquecer o tempo que passa. Amar o teatro a vida inteira, tanto como ele anseia ser amado pelo teatro. Actor que antes de tudo queria ser sinaleiro. Há vidas em cuja retrospectiva emergem desenhos de sucessivos círculos, como tentativas de recuperar a simplicidade da infância. Porque, como disse Brancusi, a partir do momento em que deixamos de ser criança, deixamos de ser artistas.

JOSÉ MANUEL CASTANHEIRA

ALMADA
Teatro Municipal Joaquim Benite
Foyer

De 3 a 26 JUL

O sonho de J. Anjos cansados que carregam outros anjos

Exposição | Instalação de **José Manuel Castanheira**

Para que serve o teatro? E a cenografia? Para que serve tudo isso? De onde vêm as ideias? Ainda podemos reinventar a geografia? No palco, na mente, tal como no Mundo, ainda haverá regiões por explorar? Estas são algumas das inquietações que prevalecem no inesperado confinamento. Após a publicação dos livros *Desenhar nuvens* (2014) e *O tempo das cerejas* (2016), continuo a desenvolver o tema a que chamei "Manual de sobrevivência de um cenógrafo". Esta exposição/instalação inscreve-se no contexto destas inquietações e resulta também da revisitação de um vídeo apresentado na Quadrienal de Praga em 2015.

J. é um cenógrafo em viagem pela casa, cidade, café, hotel, campo, floresta, estação de comboios, aeroportos, outros lugares de espera, no Mundo, agora universo da teia do teatro, qual máquina de fazer sonhar, onde há uma varanda com um leque de cordas atadas, que indiciam possível transporte para as nuvens. No sonho, J. faz viagens a pé, de bicicleta, de carro, de comboio, de avião, de barco para ilhas desertas, sentado num penhasco a observar planícies ou na praia a copiar a luz da lua. Anjo artesanal, em fuga pelo terraço de um prédio, trepa pela copa das árvores mais altas e, no sótão do teatro, sobe por uma escada de madeira em caracol onde está escrito "Acesso ao Paraíso". O salão vazio parece infinito, as paredes são espelhos. Cansado de tanto andar, desfaz-se da roupa e das asas, nu deita-se no chão do palco, abre a tampa onde antigamente estava o ponto do teatro, e põe-se a espreitar para alguma coisa minúscula que está lá em baixo. É ele próprio a ter ideias, sentado na pedra da paciência.

José Manuel Castanheira

José Manuel Castanheira é arquitecto, cenógrafo e pintor. Doutor em Cenografia e Arquitectura pela Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa, onde é professor desde 1982, tem uma actividade multifacetada, sobretudo em cenografia do espectáculo, cenografia de exposições para museologia, arquitectura teatral e pintura. Realizou mais de 300 cenografias em 15 países. Dirigiu acções de formação, estágios e seminários em universidades e outras instituições, em Portugal e muitos outros países, como Espanha, Bélgica, França, República Checa, Grécia, Itália, Cuba, Suíça ou Brasil. Desde 2017 integra os júris de doutoramento em Estudos Teatrais da Universidade Sorbonne Nouvelle (Paris). Em 2010 foi eleito membro da Real Academia de Belas-Artes de Espanha. É membro fundador da Associação Portuguesa de Cenografia (de que foi o Presidente eleito entre 2012 e 2016). É o coordenador para a Europa do projecto TELA – Teatros da América Latina. É autor dos livros *Castanheira – Cenografia*, *Desenhar nuvens*, *Viriato Rey*, *O tempo das cerejas*, *Frei Luís de Sousa*, *Pessoa Fausto*, e co-autor de *Catorze histórias incríveis ou o Fabuloso imaginário das lendas da Beira Baixa* e *Viagem a Itália*.

ALMADA
Teatro Municipal Joaquim Benite
Galeria de Exposições

De 3 a 26 JUL
Quinta a domingo
das 12:00 às 15:00 e das 19:00 às 21:00

ALMADA FORUM®

ALMADA FORUM

PALCO
PARA SER FELIZ

230 lojas | 40 restaurantes | cinema 4DX | clínica médica | ginásio

almadaforum.com /AlmadaForum

COLÓQUIOS NA ESPLANADA

Em parceria com a Associação Portuguesa de Críticos de Teatro

A Esplanada do Festival de Almada é já um lugar icónico – um espaço de encontro entre o público e os artistas. Respeitando as regras de segurança e distanciamento decretadas pelas autoridades sanitárias, vamos poder regressar à mais famosa esplanada de Almada. Entre os dias 6 e 24 de Julho, vários encenadores passarão pela Esplanada para conversar informalmente com o público, respondendo às perguntas que queiram fazer-lhes, ou aos debates que queiram lançar-lhes.

Segunda 6 de Julho
Isabel Craveiro
(encenadora de ***A grande emissão do mundo português***)
Moderação: **Jorge Louraço**

Terça 7 de Julho
Carlos Avilez
(encenador de ***Bruscamente no Verão passado***)
Moderação: **Eugénia Vasques**

Quarta 8 de Julho
Raquel Castro
(encenadora de ***Turma de 95***)
Moderação: **Rui Pina Coelho**

Quinta 9 de Julho
Nuno Cardoso
(encenador de ***Castro***)
Moderação: **Teresa Albuquerque**

Sexta 10 de Julho
António Pires
(encenador de ***O Mundo é redondo***)
Moderação: **Maria João Brilhante**

Segunda 13 de Julho
Rodrigo Francisco
(encenador de ***Mártir***)
Moderação: **Jorge Louraço**

Terça 14 de Julho
António Simão
(encenador de ***Uma solidão demasiado ruidosa***)
Moderação: **Luís Soares**

Quarta 15 de Julho
Tiago Rodrigues
(encenador de ***By Heart***)
Moderação: **João Carneiro**

Quinta 16 de Julho
Nuno Carinhas
(encenador de ***Viagem de Inverno***)
Moderação: **Rita Martins**

Sexta 17 de Julho
Luís Vicente
(actor de ***Instruções para abolir o Natal***)
Moderação: **Statt Miller**

Terça 21 de Julho
Mario Pirovano
(encenador de ***Johan Padan a la descoverta de le Americhe***)
Moderação: **Sebastiana Fadda**

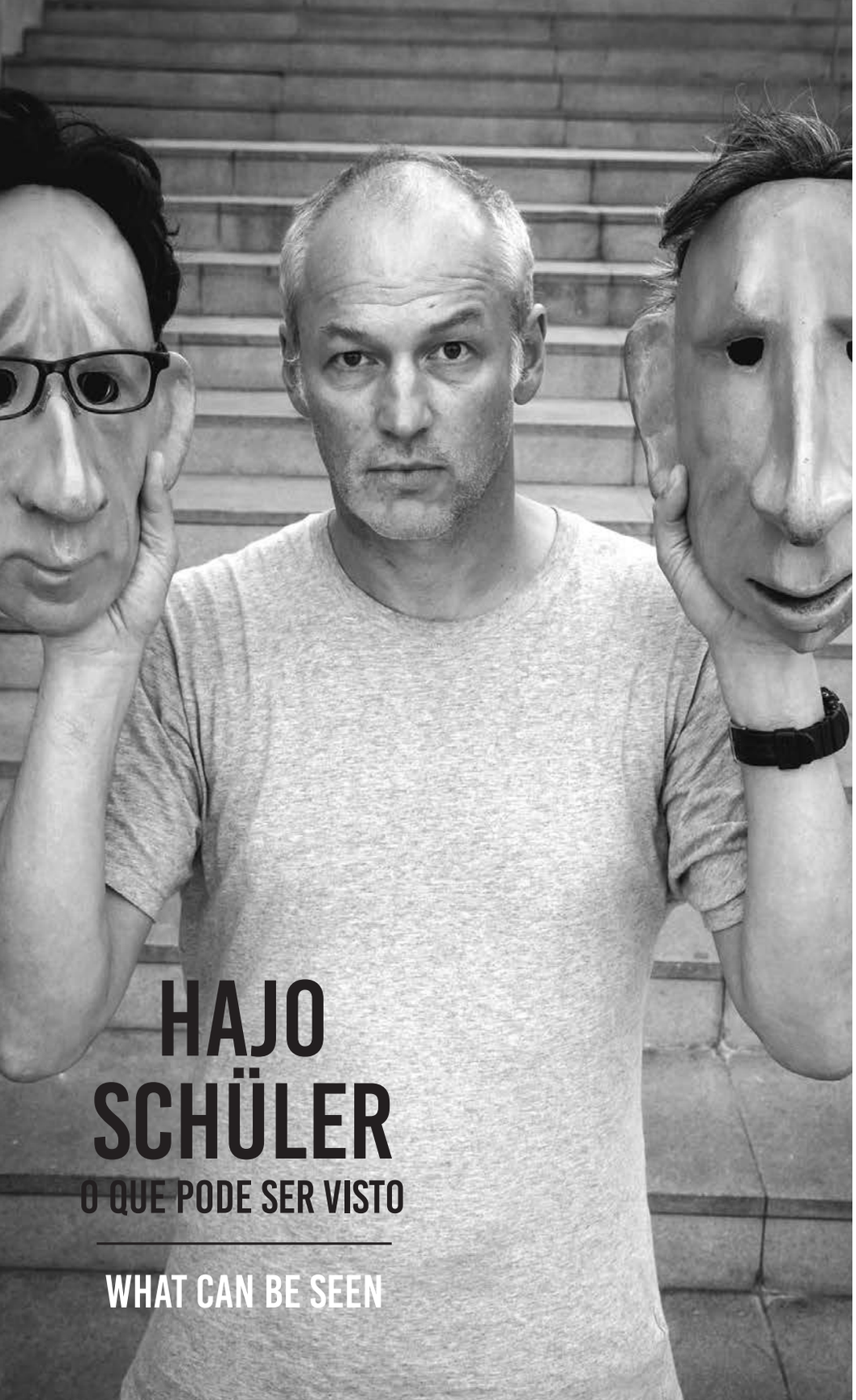
Quarta 22 de Julho
João Mota
(encenador de ***As artimanhas de Scapin***)
Moderação: **Ana Isabel Vasconcelos**

Quinta 23 de Julho
João Botelho
(encenador de ***A criada Zerlina***)
Moderação: **Emília Costa**

Sexta 24 de Julho
Tiago Correia
(encenador de ***Turismo***)
Moderação: **Catarina Firmo**

ALMADA
Esplanada da Escola D. António da Costa

Sempre às 18h



LANÇAMENTO DO 6.º VOL. DA COLECÇÃO *O SENTIDO DOS MESTRES*

Apoio: Share Foundation

O que pode ser visto
What can be seen

Autoria de **Hajo Schüler**
Apresentação de **Catarina Santana**

Na edição do ano passado do Festival de Almada, Hajo Schüler, mestre do teatro de máscara e director artístico da companhia alemã Familie Flöz, foi o artista convidado a partilhar alguns dos seus saberes com os aprendizes e profissionais das artes performativas que se inscreveram para participar no *workshop O sentido dos Mestres* – um programa realizado em parceria com a Share Foundation cujo objectivo é juntar durante o Festival alguns dos mais destacados criadores teatrais e alunos, profissionais e, sempre que é possível, também o público de teatro. Transcritas as suas palavras durante esse seminário de formação prática, preparámos com elas um novo título da colecção *O sentido dos Mestres* – um conjunto de livros (por vezes bilingues, como é o caso deste) que começámos a editar em 2015, e que conta já com os títulos *Luis Miguel Cintra: cinco conversas em Almada*, *Peter Stein: a palavra e a cena*, *Ricardo Pais: aprender a esquecer*, *Juni Dahr: uma casa para Hedda* e *Olga Roriz: narrativas do corpo.*

«Encaro o meu trabalho como uma troca entre mim e as pessoas mais novas, e não apenas como uma transmissão de conhecimento. Todos os textos que se encontram neste livro são reflexões sobre um trabalho teatral prático levado a cabo ao longo do tempo, muito especialmente pela companhia Familie Flöz nos últimos 25 anos. Tudo o que sei sobre máscaras devo a este trabalho e a todas as pessoas que fazem e fizeram parte dele. Os registos não pretendem ter qualquer valor científico, sendo antes uma tentativa de partilhar memórias e experiências, questões e reflexões que se foram acumulando em ensaios e espectáculos.»
Hajo Schüler

Nascido em 1971 em Hammelburg, **Hajo Schüler** estudou pantomima no Folkwang Hochschule de Essen, Alemanha. Desde 1994, tem trabalhado como actor, coreógrafo e encenador em teatros de todo o Mundo. Foi co-fundador dos Familie Flöz, sendo actor, autor, construtor de máscaras e encenador de várias peças desta companhia que tem sido aclamada internacionalmente pela originalidade das suas criações. Entre 2005 e 2010 foi leitor convidado das cadeiras de Movimento, Máscara e Representação no curso de Estudos de Teatro da Universidade de Artes de Berlim. É desde 2011 professor de Representação com Máscara na Schauspielschule de Estugarda. Tem ensinado igualmente na London School of Performing Arts, na Universidade Carlos III de Madrid, na Accademia dei Filodrammatici de Milão, e na Universidade de Artes de Folkwang, em Essen.

ALMADA
Esplanada da Escola D. António da Costa

SEG 20
18:00

CURSO DE FORMAÇÃO

Apoio: Share Foundation

O sentido dos mestres
COM MADALENA VICTORINO

© BRUNO SIMÃO

"A dança como arma de fogo", eis o título e programa deste seminário sobre dança contemporânea e sobre o que esta pode realizar dentro e fora da sua esfera habitual, procurando pensá-la como ferramenta fundamental para conectar os tecidos sociais e culturais aos tecidos da arte. Mas procurando também pensá-la como um espaço privilegiado, pondo o corpo que dança e o corpo da vida numa mesma equação, na qual o poder político do corpo e a sua potenciação em projectos artísticos alteram a fisionomia da vida – seja a de uma criança, de um grupo específico ou de uma comunidade em sentido geral. Procurando, enfim, que o corpo-arma em fogo alastre, contamine e renasça.

Grandes temas para uma abordagem metodológica e transversal à dança assim pensada: o acesso e a acessibilidade às artes; o território como matéria de criação; a humanidade como fonte e alimento; relações e tensões entre discurso e práticas artísticas; a imaginação do corpo; co-criação e felicidade; as danças interiores e exteriores; conexões com o expressionismo alemão e o individualismo contemporâneo; o corpo como paisagem de uma contemporaneidade que nos foge das mãos; nomeação e análise de projectos artísticos, sociais e culturais que pelo Mundo incendeiam realidades.

20 de Julho
Acesso e acessibilidade nas artes: o corpo democrático

21 de Julho
Educação e participação nas artes: a arte participativa

22 de Julho
Quando o "humano" é fonte para a criação.
Visitas a projectos que "transpiram" humanidade

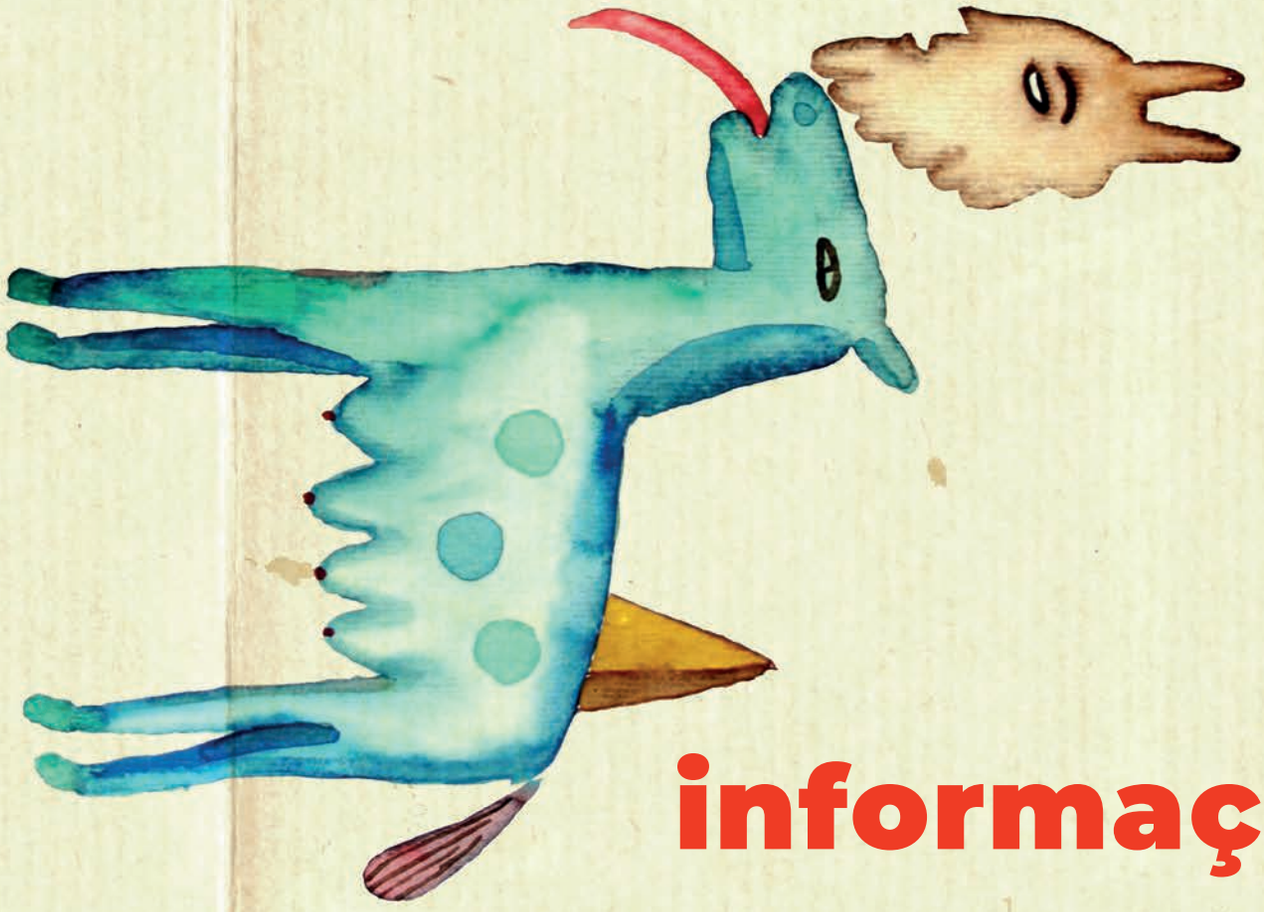
23 de Julho
A imaginação do corpo. A luz no corpo. O que pode a arte

24 de Julho
O corpo como paisagem dramatúrgica e coreográfica.
O território como terra e campo de criação

Madalena Victorino (n. 1958) estudou dança contemporânea, composição coreográfica e pedagogia das artes no The Place (London School of Contemporary Dance), no Laban Centre (Goldsmiths College, University of London) e na Exeter University. Nos anos de 1990 foi co-fundadora do Forum Dança, a primeira estrutura de dança independente em Portugal. Desenvolveu entre 1996 e 2008 no Centro Cultural de Belém o primeiro espaço de fruição artística internacional para um público jovem. Entre 2008 e 2018 foi co-programadora do Festival *TODOS – Caminhada de Culturas*, uma iniciativa conjunta da Câmara Municipal de Lisboa e da Academia de Produtores Culturais. Criou em 2016, com Giacomo Scalisi, o projecto *Lavrar o Mar*, de dinamização das artes e mediação cultural na serra algarvia e Costa Vicentina.

Em Portugal, o seu trabalho tem sido marcado pela criação de projectos coreográficos vocacionados para a aproximação entre a prática e o discurso artísticos e a sociedade em geral, desenvolvendo programas educativos e sociais inovadores em vários pontos do território, dinamizando culturalmente tanto cidades multiculturais carentes de pontes de diálogo, como regiões localizadas longe dos grandes centros urbanos. Socialmente implicado, e de reconhecida vertente humanista, o seu trabalho foi já várias vezes distinguido com importantes prémios que reconheceram a intensa e ampla actividade artística que a coreógrafa e pedagoga tem desenvolvido. Autora do programa curricular de dança para o Ministério da Educação, lecciona em múltiplas instituições de Ensino Superior.

A inscrição no curso, destinado a estudantes e a profissionais do teatro, faz-se mediante o envio de CV e carta de motivação para geral@ctalmada.pt e tem um custo de 20€ (10€ para Assinantes do Festival).



informações

Horários contactos e acessos

FESTIVAL DE ALMADA

WEBSITE
www.ctalmada.pt

FACEBOOK
www.facebook.com/festivaldealmada

INSTAGRAM
@festivaldealmada

ALMADA

1 Teatro Municipal Joaquim Benite
Avenida Professor Egas Moniz
Tel.: 212 739 360 | Tlm.: 917 433 120
geral@ctalmada.pt

2 Fórum Romeu Correia
Praça da Liberdade
Tel.: 212 724 920

3 Teatro-Estúdio António Assunção
Rua Conde Ferreira, 5
Horário: 1h antes do início dos espectáculos

4 Incrível Almadense (Salão de Festas)
R. Sociedade Filarmónica Incrível Almadense 8A
Horário: 1h antes do início dos espectáculos

5 Cine-Teatro da Academia Almadense
Rua Capitão Leitão, nº64
Horário: 1h antes do início dos espectáculos

6 Escola D. António da Costa
Avenida Prof. Egas Moniz

7 Museu da Cidade
Pr. João Raimundo (Cova da Piedade)
Tel.: 21 273 40 30

LISBOA

Centro Cultural de Belém
Praça do Império
Tel.: 213 612 627
Horário: Todos os dias das 13h às 20h

Autocarros (Carris)

Praça José Fontana (Lisboa) >> Centro Sul (Cova da Piedade, Almada)

Dias úteis entre as 06h00 e as 21h30
Sábados entre as 07h30 e as 21h00
Aos domingos e feriados não funciona

Centro Sul (Cova da Piedade, Almada) >> Praça José Fontana (Lisboa)

Dias úteis entre as 05h35 e as 22h50
Sábados entre as 07h00 e as 20h30
Aos domingos e feriados não funciona | carris.pt

Autocarros (TST)

À data do fecho desta edição do Programa do 37.º Festival de Almada as carreiras 152 | Praça de Espanha (Lisboa) / Praça S. João Baptista (Almada), 160 | Praça do Areeiro (Lisboa) / Praça S. João Baptista (Almada), 176 | Cidade Universitária (Lisboa) / Praça S. João Baptista (Almada) estavam suspensas. Confirmar junto dos TST se entretanto retomaram o seu normal funcionamento | tsuldotejo.pt

Comboios Fertagus

Lisboa (Areeiro) >> Pragal

Dias úteis entre as 05h43 e a 01h28
Três últimos comboios às 23h58, 00h43 e 01h28
Sábados, Domingos e feriados entre as 06h43 e as 00h43 com intervalos de 30 minutos.

Pragal >> Lisboa

Dias úteis entre as 05h49 e as 00h59
Três últimos comboios às 22h59, 23h59 e 00h59
Sábados, Domingos e feriados entre as 06h39 e as 00h09 com intervalos de 30 minutos | fertagus.pt

Cacilheiros

Partidas do Cais do Sodré

Dias úteis entre as 05h35 e a 01h40
Três últimos barcos às 00h20, 01h00 e 01h40
Sábados, Domingos e feriados entre as 05h40 e a 01h40

Partidas de Cacilhas

Todos os dias entre as 05h20 e a 01h20
Três últimos barcos às 00h05, 00h40 e 01h20 | ttsl.pt

Metro Sul do Tejo

Todos os dias entre as 05h00 e as 02h00
Consultar horários de cada linha para mais informações | mts.pt

Assinaturas

Geral ..... **50€**

Clube de Amigos do TMJB* ..... **40€**

***Com cartão válido até 26 de Julho de 2020 ou posterior.**
A Assinatura só pode ser adquirida na bilheteira do TMJB.

Devido à situação epidemiológica que enfrentamos, pedimos a compreensão dos espectadores para o facto de o programa do Festival de Almada poder ter de ser alterado por motivos imprevistos.

A Assinatura do Festival de Almada dá acesso a todos os espectáculos em Almada, numa das sessões programadas. No Centro Cultural de Belém o acesso dos assinantes está condicionado à lotação da sala. O título de Assinatura deverá ser trocado pelos respectivos bilhetes para cada peça na bilheteira do TMJB.

No espectáculo *Castro*, a Assinatura do Festival dá acesso apenas às sessões de 11 e 12 de Julho. No espectáculo *Viagem de Inverno*, a Assinatura dá acesso apenas às sessões de 13 e 14 de Julho.

Locais de venda

ALMADA

Teatro Municipal Joaquim Benite: Telf. 21 273 93 60

VENDAS ONLINE

www.ctalmada.pt

LOJAS FNAC

Bilhetes avulsos

ALMADA	
TEATRO MUNICIPAL JOAQUIM BENITE*	
Sala Principal	**13€**
Sala Experimental	**10€**
FÓRUM ROMEU CORREIA	**10€**
TEATRO-ESTÚDIO ANTÓNIO ASSUNÇÃO	**10€**
INCRÍVEL ALMADENSE	**10€**
CINE-TEATRO DA ACADEMIA ALMADENSE	**10€**
LISBOA	
CENTRO CULTURAL DE BELÉM	
Plateia	**15€**
Laterais	**12,50€**

* Para informações sobre a compra de bilhetes avulsos contactar a bilheteira do TMJB (contactos na p. 58).

FESTIVAL de almada

DIRECÇÃO ARTÍSTICA
Rodrigo Francisco

DIRECTOR FINANCEIRO
Carlos Galvão

DIRECTORA-ADJUNTA
Teresa Gafeira

DIRECTOR TÉCNICO
Guilherme Frazão

DIRECTOR DE PRODUÇÃO
Paulo Mendes

ADMINISTRAÇÃO
Susana Fernandes

SECRETÁRIA DA DIRECÇÃO
Ana Patrícia Santos

IMAGEM DO CARTAZ
Pedro Proença

EXPOSIÇÕES
José Manuel Castanheira

COMUNICAÇÃO E IMPRENSA
Miguel Martins

EDIÇÕES
Sarah Adamopoulos

DESIGN GRÁFICO
Joana Azevedo
João Gaspar
Rosa Castelo

FOTOGRAFIA
Luana Santos
Rui Carlos Mateus

ASSINATURAS E ACOLHIMENTO
Carina Verdasca
Marco Trindade
Pedro Walter

WEBSITE
Jorge Freire

TRADUÇÕES E LEGENDAGEM
Rita Gonçalves

EQUIPA TÉCNICA
Alexandre Costa
André Mateus
Andreia Mendrico
Carlos Janeiro
Daniel Polho
Felipe Neves
Ivan Teixeira
João Farraia
Paulo Cunha
Paulo Horta

RECEPÇÕES
Rodica Alexe
Teresa Gafeira

BAR
Isabel Galvão

BILHETEIRA
Sofia Chora
Susana Fernandes

RESTAURANTE
Alice Prazeres
Diana Antunes
Rosângela Vervloet

ESTAGIÁRIOS
Carolina Delicado
Carolina Teodora
Rodrigo Lencastre

companhia de teatro de almada

DIRECÇÃO: **Rodrigo Francisco**, **Carlos Galvão** e **Teresa Gafeira**
ASSEMBLEIA-GERAL: **Maria Laita** e **Paulo Mendes**
CONSELHO FISCAL: **Guilherme Frazão** e **José Carlos Nascimento**

RENAULT
Passion for life

CAETANO FORMULA

O SEU CONCESSIONÁRIO RENAULT.

Imagem não contratual.
Emissões de CO2 (g/Km): 134 a 139. Consumo em ciclo misto (l/100km): 5,9 a 6,2.

Caetano Formula

Almada (IC20 Saída Universidade):
Caminho de Possolos,1,
2825-043 Monte da Caparica
Tel.: 212 949 310

Barreiro (Palhais):
Quinta dos Moinhos,
2830-222 Barreiro
Tel.: 211 950 542

www.caetanoformula.pt

Clube de Amigos

O Clube de Amigos do Teatro Municipal Joaquim Benite foi criado em 1988, aquando da inauguração do antigo Teatro Municipal, em Maio desse ano. A ligação intensa do teatro à comunidade acentuou-se com a inauguração do novo Teatro Municipal. O Clube de Amigos é o núcleo dos nossos espectadores.

- **Produções da CTA: entrada gratuita e 50% de desconto para os acompanhantes**
- **Espectáculos acolhidos: 50% de desconto e até 30% de desconto para os acompanhantes**
- **Menu de refeição completa por 8,50€ e Menu Almoço por 6,25€ no Restaurante do Teatro**
- **50% de desconto nas edições da Companhia de Teatro de Almada**
- **20% de desconto nas Assinaturas para o Festival de Almada**
- **Exclusividade na reserva de bilhetes para os espectáculos acolhidos**
- **10% de desconto na Farmácia Louro**

O cartão anual do Clube de Amigos tem as seguintes modalidades:

NOVO MEMBRO
Geral .... 47,50€
Benemérito .... (mínimo) 100€

RENOVAÇÃO ANUAL*
Geral .... 42,50€
Sénior .... 35€
Jovem .... 25€

* Até um mês após o limite da validade

FICHA TÉCNICA

DIRECÇÃO EDITORIAL: **Rodrigo Francisco** e **Teresa Gafeira**
TEXTOS, *EDITING*, REVISÃO EDITORIAL E COORDENAÇÃO EXECUTIVA DA EDIÇÃO: **Sarah Adamopoulos**
TRADUÇÃO: **Rodrigo Francisco**
AGRADECIMENTO: **Wayne Ralph** (REVISÃO DO INGLÊS)
DESIGN GRÁFICO: **João Gaspar**
PAGINAÇÃO E ARTES-FINAIS: **Joana Azevedo**
IMAGEM DA CAPA E SEPARADORES: **Pedro Proença**
PUBLICIDADE: **Susana Fernandes** e **Carina Verdasca**
APOIO À PRODUÇÃO EDITORIAL: **Ana Patrícia Santos** e **Miguel Martins**

IMPRESSÃO: LISGRÁFICA
Distribuição gratuita

TEATRO MUNICIPAL JOAQUIM BENITE

cta
companhia de teatro de almada

OUTUBRO A DEZEMBRO 2020

OS GATOS

A partir de *O livro dos gatos* de **T. S. Eliot** | Encenação de **Teresa Gafeira**

3 e 4 OUTUBRO
Sábado às 16h | Domingo às 11h e às 16h | M/3

VERDI QUE TE QUERO VERDI

Encenação de **Teresa Gafeira**

De 31 OUTUBRO e 1 NOVEMBRO
Sábado às 16h | Domingo às 11h e às 16h | M/3

PRELÚDIO AO REI LEAR

Texto de **Ferenc Molnár** | Encenação de **Rodrigo Francisco**

13 NOVEMBRO a 6 DEZEMBRO
Quinta a sábado às 21h | Quarta a domingo às 16h | M/12

HÄNDEL... LÁ COM ESSA MÚSICA!

Texto de **Rita Taborda Duarte** | Encenação de **Teresa Gafeira**

21 e 22 NOVEMBRO
Sábado às 16h | Domingo às 11h | M/3

GULLIVER

Texto a partir do romance de **Jonathan Swift** | Encenação de **Teresa Gafeira**

De 28 NOVEMBRO a 20 DEZEMBRO
Sábado às 16h | Domingo às 11h
Ter. 1 e 8 de Dezembro às 16h | Dom. 13 Às 11h e 16h | M/12

INFORMAÇÕES E RESERVAS:
Av. Professor Egas Moniz – Almada
Tel.: 21 273 93 60 | www.ctalmada.pt

REPÚBLICA PORTUGUESA CULTURA
dgARTES DIREÇÃO-GERAL DAS ARTES
ALMADA CÂMARA MUNICIPAL
Share Foundation